

RELAÇÕES DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO BAIRRO SÃO JOSÉ



JESSICA ANDRADE PEREIRA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Jessica Andrade Pereira

Relações de Identidade e Pertencimento no Bairro São José

LARANJEIRAS

2021

Jessica Andrade Pereira

Relações de Identidade e Pertencimento no Bairro São José

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de Sergipe como requisito básico para a conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: César Henriques de Matos e Silva

LARANJEIRAS

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2
Ata de Avaliação: Banca Final

**DADOS GERAIS**

TÍTULO DO TRABALHO Relações de Identidade e Pertencimento no bairro São José

DATA E HORA 20/12/2021, 16:00h

PARECER DA BANCA

A banca decide aprovar o trabalho com nota máxima pois considera que este teve uma abordagem bastante ampla e profunda do objeto de pesquisa.
Sugere a continuidade da pesquisa em publicações e congressos.

ALUNO(A)

NOME
Jéssica Andrade Pereira

ASSINATURA

PROFESSOR(A) ORIENTADOR(A)

NOME
César Henriques Matos e Silva

ASSINATURA

PROFISSIONAL CONVIDADO(A) INTERNO

NOME
Rozana Rivas de Araújo

ASSINATURA

PROFISSIONAL CONVIDADO(A) EXTERNO

NOME
Mariane Cardoso de Santana

ASSINATURA

CRITÉRIOS DE ANÁLISE**MONOGRAFIA**

- Redação
- Qualidade gráfica
- Contextualização
- Metodologia

PROJETO

- Diagramação
- Representação e Expressão Gráfica
- Proposta Arquitetônica, Paisagística e/ou Urbanística
- Detalhamento

NOTA FINAL**10,0**

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como funcionam as relações de identidade e pertencimento dos indivíduos com os espaços urbanos na contemporaneidade, utilizando como estudo de caso o bairro São José. Localizado na Zona Sul de Aracaju, este bairro acompanha a evolução da capital desde as suas primeiras décadas. Um bairro que já teve um alto índice de moradores, até mesmo de famílias abastadas, e que hoje tem passado por um processo de esvaziamento residencial acelerado, fortalecendo a demanda do mercado imobiliário. O presente trabalho se desenvolveu por meio de uma metodologia que buscou explicar a ideia do que seria Identificação e Pertencimento na contemporaneidade e suas infinitas facetas, as questões do sentido de lugar na era da globalização se modificam incessantemente, atravessando os indivíduos e trazendo à tona o questionamento sobre se essas relações de identificação e pertencimento ainda existem, ou se são passíveis de acontecer na cidade contemporânea. A investigação desse trabalho buscou entender de que forma os moradores da cidade enxergam o bairro São José e se há moradores que ainda mantêm uma identificação com esse lugar através da elaboração de um questionário online. Com o tratamento dos dados o trabalho se encaminha para elaboração das propostas finais, por meio da eleição de políticas públicas voltadas para o fortalecimento das identidades e sentimentos de pertença na cidade, preservando as potencialidades e criando mecanismos para consolidação de um olhar diferente sobre o bairro São José.

Palavras-chave: identidade, pertencimento, bairro São José, políticas públicas, planejamento urbano, Aracaju

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
 CAPÍTULO 1 - O QUE É IDENTIDADE E PERTENCIMENTO?	
1.1 IDENTIDADES EM CRISE	15
1.2 IDENTIDADES URBANAS	16
1.3 SOCIEDADE DO CANSAÇO	17
1.4 GLOBALIZAÇÃO E SENTIDO DE LUGAR	19
 CAPÍTULO 2 - O BAIRRO SÃO JOSÉ	
2.1 BREVE HISTÓRICO DA EXPANSÃO URBANA EM ARACAJU	22
2.2 O BAIRRO SÃO JOSÉ ATUALMENTE	28
2.3 AS DINÂMICAS DO ESAZIAMENTO URBANO NO SÃO JOSÉ.....	30
 CAPÍTULO 3 - RELAÇÕES DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO SÃO JOSÉ	
3.1 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM URBANA	36
3.1.1 Legibilidade.....	36
3.1.2 A Construção da Imagem.....	37
3.1.3 Estrutura e Identidade.....	38
3.1.4 Imaginabilidade.....	39
3.2 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	40
3.3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS.....	41
 CAPÍTULO 4 - O BAIRRO: “DIMENSÃO DE TERRITÓRIO IDEAL PARA REIVINDICAÇÃO COLETIVA”	
4.1 RESULTADOS DA PESQUISA NA CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS.....	54
4.2 PLANOS DE DESENVOLVIMENTO DE BAIRRO	57
4.3 ÁREAS ESPECIAIS DE INTERESSE CULTURAL NO SÃO JOSÉ.....	59
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 68
REFERÊNCIAS.....	70



INTRODUÇÃO

A necessidade de se sentir parte de algo e o reconhecimento de identificação num determinado espaço e tempo é o que permeia as relações humanas. A inerência entre ser e estar, habitar e conviver é que nos introduz em sociedade e nos faz criar laços com momentos, acontecimentos, pessoas e lugares. É a curiosidade para entender como que essas relações funcionam na cidade que acompanha a investigação desse trabalho. Foi a vivência por 10 anos em um bairro, uma vivência quase que investigativa, documentada de um olhar adolescente que desagua nesse trabalho de conclusão de curso comprometido em investigar como as relações de bairro são essenciais para manutenção de uma cidade viva e entender quais os motivos que estão tornando o bairro São José cada vez mais escasso de moradores. Além disso, entender como as identidades e sentimentos de pertencimento acontecem em uma sociedade cada vez mais globalizada e que constantemente põe à prova a necessidade de manutenção da história e do patrimônio.

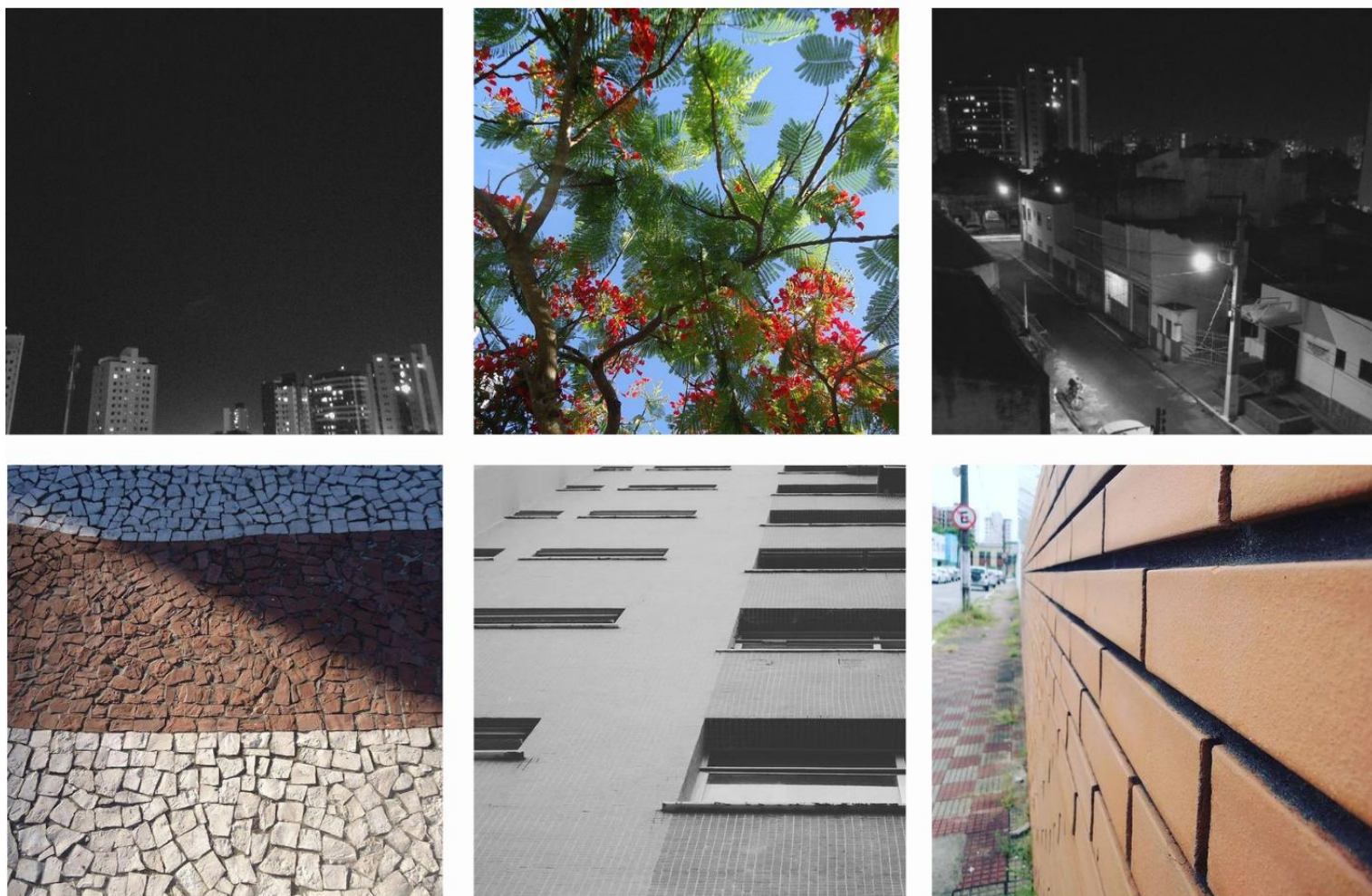


Figura 1: Grid com fotos do bairro São José. **Fonte:** Autora, 2016

A cidade contemporânea é marcada pela individualidade e rapidez das relações sociais urbanas, e é nesse espaço onde manifestações humanas dos mais diversos tipos acontecem. Porém, é a forma com a qual os indivíduos interagem com os espaços e os tipos de vivências ali estabelecidos que dão nome e sentido aos lugares. Como Adriana Sansão (2013) pontua:

Atualmente, a flexibilidade e a indiferença caracterizam as relações sociais urbanas, marcadas pelo curto prazo, pela falta de compromisso mútuo originada do estresse da rapidez e pelas relações superficiais entre indivíduos. Baseado nessa mudança conceitual, o destino das virtudes urbanas se apresentaria na forma de indiferença mútua (deixar-se mutuamente em paz), como marca da esfera cívica relacionada a virtude da sociabilidade, e na forma da experiência pessoal, do incompleto, relacionada à virtude da subjetividade. (SANSÃO, 2013, p. 12)

Dentro da escala da cidade e no contexto das relações sociais que acontecem nesse lugar, a questão que vem à tona é: Se a grande característica da sociedade contemporânea é compreender infinitas subjetividades, como todas elas caberão em um lugar comum atraente para a maioria? Quando se observa o desenho urbano como meio de proporcionar bem estar e qualidade de vida, Kevin Lynch (1960) busca na antropologia reflexões sobre como o senso de orientação é importante para nossa sensação de equilíbrio, entendendo que um ambiente ordenado consegue proporcionar uma melhora no desenvolvimento das atividades humanas cotidianas em diferentes escalas.

[...] uma imagem clara do entorno constitui uma base valiosa para o desenvolvimento individual. Um cenário físico vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social.[...] um ambiente característico e legível não oferece apenas segurança, mas também reforça a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana. (LYNCH, 2011, p. 5)

Sob a ótica do poder que os espaços públicos urbanos têm em proporcionar qualidade de vida, é possível relacionar esse ganho com um bom sentimento de pertença e identificação entre indivíduo e espaço. Entretanto é comum perceber que esses sentimentos na contemporaneidade estabelecem relações cada vez mais frágeis, por vezes até consideradas fugazes ou passageiras.

Na escala de bairro, esses sentimentos e sensações podem ser mais facilmente investigados, principalmente se somados às dinâmicas de sociabilidade que permeiam as ocupações dos espaços urbanos. Essa complexidade das vivências

urbanas é notável observando as mudanças ao longo das décadas no Bairro São José, localizado próximo ao centro da cidade de Aracaju. Já foi um bairro residencial da elite local ao longo do século XX, até que a partir dos anos 90 iniciou um processo de esvaziamento residencial em virtude da expansão imobiliária para a Zona Sul. É possível que as transformações na cidade de Aracaju ao longo desses 30 anos tenham mudado a forma com que os atuais residentes do bairro se relacionam com ele, ou até mesmo que seu esvaziamento residencial esteja atrelado ao enfraquecimento das relações de identidade e pertencimento.

Quanto a escala desse espaço, Barros (2004) resume bem quando diz que o bairro é uma unidade territorial, uma escala intermediária entre a escala da rua e a da cidade com forma e tamanho essenciais para a existência da realidade urbana. Quando nos voltamos para o objeto de estudo, que é o bairro São José, é possível observar seu valor histórico a partir das construções, em muitos casos abandonadas. Além da crescente transformação de residências particulares com valor arquitetônico e até mesmo sentimental agregados, em estacionamentos. Ao mesmo tempo, é possível notar que os indivíduos que ainda moram no São José estabelecem dinâmicas diversas com o bairro por diferentes motivações, conservando relações vitais para o espaço urbano. **Por que um bairro bem consolidado, com diversos espaços públicos, serviços de qualidade e que conserva grande quantidade de patrimônios e história da cidade continua sendo esvaziado residencialmente? Esse esvaziamento tem enfraquecido os laços identitários locais? Quais as dinâmicas de pertencimento e identidade que ainda são estabelecidas?**

A escolha do Bairro São José como estudo de caso acrescenta bastante à discussão do que é a cidade para as elites, uma vez que este também já foi o bairro da alta sociedade aracajuana e como esse padrão de expansão da cidade continua fortalecendo o mercado imobiliário e a produção urbana capitalista, expandindo os abismos sociais. Afinal, o contínuo esvaziamento de um bairro bem consolidado, que mantém ou tenta manter sua identidade através de residências abandonadas e história de vida dos que ali ainda habitam, pode ser consequência desse padrão que fortalece a ideia da “Cidade de Muros” (CALDEIRA, 2000) notável pela crescente quantidade de condomínios fechados em bairros novos.

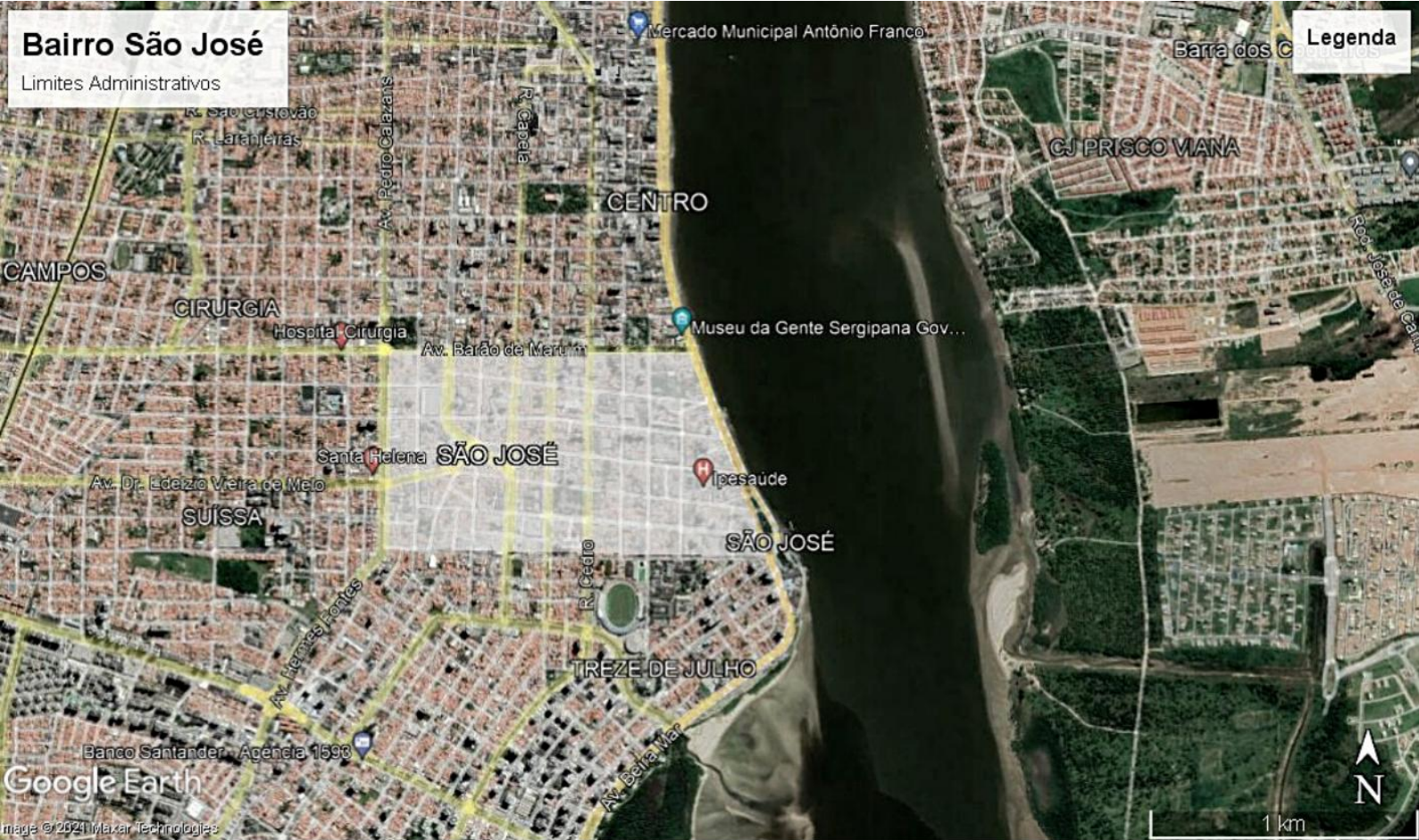


Figura 2: parte de Aracaju com o bairro São José em destaque
Fonte: Google Earth, 2021

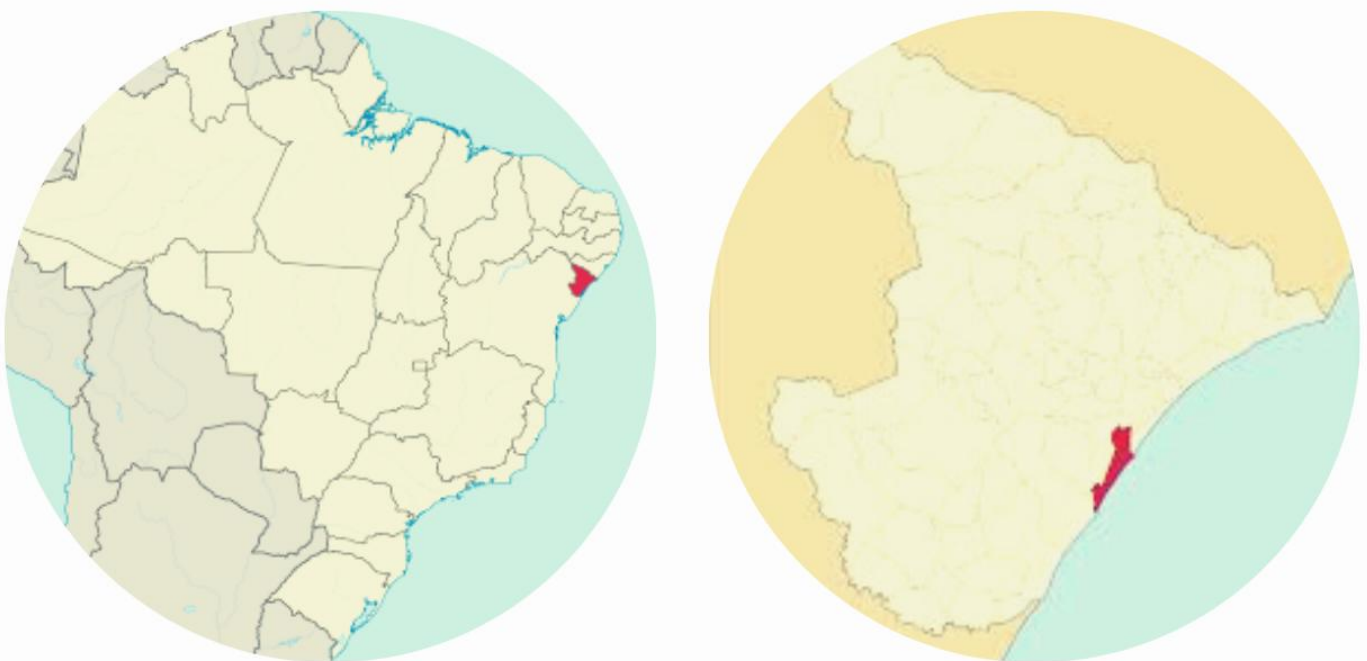


Figura 3: Demarcação geográfica do Brasil, Sergipe e Aracaju
Fonte: Produzida pela autora com demarcação geográfica fornecida pelo IBGE

Por outro lado, é possível que as relações de identidade e pertencimento no Bairro São José continuem se fortalecendo, mesmo com o forte impacto da sociedade contemporânea e suas novas noções do morar. É primordial observar as escolhas que permeiam mudanças dessa natureza e que podem ter impacto direto no esvaziamento residencial do objeto de estudo, pensando nas diferentes dinâmicas de identidade e pertencimento estabelecidas em cada bairro. Dessa forma, o presente trabalho tem como **objetivo geral** analisar as relações de identidade e pertencimento existentes entre os moradores com o bairro São José, e como **objetivos específicos**: compreender a dinâmica complexa das relações de identidade e pertencimento na contemporaneidade e o qual o sentido de lugar numa era globalizada; analisar o desenvolvimento urbano da cidade de Aracaju e como isso afeta a formação dos bairros da capital até os dias atuais; investigar as relações dos moradores de Aracaju com o bairro São José e de que forma ele é visto e reconhecido pelas pessoas; apresentar propostas de políticas públicas voltadas para o enriquecimento das conexões entre os indivíduos e os espaços, fortalecendo as questões de identificação e pertencimento.

O método de desenvolvimento do trabalho é o **hipotético-dedutivo**, onde vão ser expostas as problemáticas do objeto de estudo e sua contextualização por meio de dados sobre desenvolvimento urbano e social das áreas mais centrais de Aracaju. Através do embasamento teórico e uma construção crítica a respeito das identidades na contemporaneidade, o levantamento de dados vai acontecer mediante um formulário online que será elaborado a fim investigar de que forma os moradores de Aracaju se relacionam com o bairro São José e entender como ele é visto, acessando o imaginário dos participantes. Por fim, traçar propostas buscando melhorar os problemas abordados no trabalho.

O **Capítulo 1** inicia com o questionamento sobre o que é identidade e pertencimento na atual sociedade, esclarecendo a impossibilidade de entregar uma resposta objetiva sobre esse tópico e apresentando a perspectiva de alguns teóricos sobre o assunto. Iniciando com o conceito das Crises de Identidade na pós-modernidade apresentadas por Hall (1992) (1.1 Identidades em crise) e logo depois fazendo um contraponto com a sociedade medieval, a construção do sujeito na cidade e como essa vivência afeta sua vida mental (1.2 Identidades Urbanas). As relações *indivíduo-espaço* numa era globalizada serão abordadas pelo conceito da “sociedade

do cansaço” (HAN, 2017) (1.3 Sociedade do cansaço) e os efeitos da globalização nas relações das pessoas com os espaços vai ser conceituado através das ideias de Dorren Massey (1991), geógrafa e cientista social britânica (1.4 Globalização e sentido de lugar).

No **Capítulo 2**, a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju (2.1 Breve histórico da expansão urbana em Aracaju) vai explicar a forma de crescimento da cidade, encaminhando o cenário para a forma que o bairro se estrutura nos dias atuais (2.2 O bairro São José atualmente). Para fechamento desse capítulo, a maneira que a cidade de Aracaju cresce atualmente, apresentando um panorama sobre o esvaziamento predominantemente residencial no São José (2.3 Dinâmicas do esvaziamento urbano no bairro São José) correlacionando com os dados expostos nos subitens anteriores.

É no **Capítulo 3** que os mecanismos de estudo sobre as questões que envolvem a cidade e o imaginário dos indivíduos vão ser desenvolvidas (3.1 Construção da imagem urbana), a fim de elaborar um questionário online para levantamento de dados (3.2 Aplicação do questionário) e posterior tratamento dos dados (3.3 Análise das respostas)

Já no **Capítulo 4**, após um levantamento completo das respostas dos participantes, serão analisadas políticas públicas voltadas para o fortalecimento das conexões entre os indivíduos e os lugares, partindo do conceito desenvolvido por Sansão (2013) (4.1 O conceito da Amabilidade Urbana). A partir dele, políticas públicas para melhoria na gestão das cidades vão ser apresentadas como propostas de aplicação, visando o fortalecimento das identidade locais entre indivíduos e lugares (4.2 Planos de desenvolvimento de bairros) (4.3 Áreas especiais de interesse cultural no São José).

Nas **considerações finais**, o apanhado geral sobre o processo vai mostrar como esse trabalho colabora com a discussão a respeito do desenvolvimento dos bairros nas cidades, uma vez que as sensações que o desenho urbano geram podem causar afastamento ou permanência das pessoas em determinados locais. Logo, a compreensão das relações socioespaciais são fundamentais para a continuidade ou encerramento de padrões urbanísticos, já que as demandas da sociedade contemporânea globalizada surgem e desaparecem cada vez mais rápido.



CAPÍTULO 1

O QUE É IDENTIDADE E PERTENCIMENTO?

O presente capítulo não tem a pretensão de entregar uma resposta objetiva sobre o que define os aspectos identitários e de pertencimento dos indivíduos em sociedade, pois eles são infinitos. Através da contextualização das diferentes maneiras de viver ao longo dos séculos, essa parte do trabalho vai pôr em questão a imensa subjetividade que é o significado da identificação e do pertencimento. São inúmeras as nuances em torno do que é se sentir parte, se sentir representado e se identificar, seja com um grupo de pessoas, um movimento ou um lugar em determinado recorte do tempo-espço. Aqui vão ser abordadas algumas características da sociedade pós-moderna e suas formas de identificação, reforçando a inconsistência que é “se sentir parte” e explanando a atual “crise de identidade” da pós-modernidade. (HALL, 1992).

Num segundo momento, a força da metrópole e suas contradições vão ser explicadas, demonstrando como diversos estímulos neuronais afetam a vida mental do indivíduo nesse lugar (SIMMEL, 1902). A forma que a metrópole dessensibiliza os indivíduos vai ser percorrida através de um paralelo com a vida rural, nas suas formas de sentir o meio em que se vive e como o desempenho social das pessoas é afetado com os estímulos da metrópole. Também é apresentada como a filosofia do dinheiro, que domina e mecaniza todos os sentidos de seus indivíduos na metrópole, os quais acabam por desenvolver uma atitude “*blasé*” (SIMMEL, 1902) impessoal e incapaz de reagir a novas sensações diante dos acontecimentos da vida. Aqui cabe um paralelo com a definição de “sociedade do cansaço” pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017) e como essas ideias convergem para a maneira que se vive na cidade nos dias de hoje.

Por fim, vai ser posto em questão o *sentido lugar* (MASSEY, 1991) na sociedade atual, tão globalizada e naturalmente acelerada que constantemente demanda a necessidade de manutenção de um comportamento patriótico em torno de um ideal, seja de lugar, seja de um grupo de pessoas ou de ideologias. A contextualização do trabalho no cenário político atual é pertinente, visto que, dentro dessa globalização, um caminho similar de retrocesso está sendo percorrido por várias nações com identidades únicas. Todo esse passeio teórico é o embasamento ideal para se começar a compreender as formas que habitam a cidade, afinal é nela onde todas as ideias confluem e se manifestam, e é sua função “fornecer a arena para esse combate e a reconciliação dos combatentes” (SIMMEL, 1902).

1.1 IDENTIDADES EM CRISE

A perspectiva que Hall apresenta põe, primeiramente, a questão da identidade através de 3 concepções que são respectivamente a identidade do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. A sociedade pós-moderna é inconstante no processo de sua formação identitária, a qual é fragmentada e renovada constantemente (HALL, 1992). Quando observamos o perfil da sociedade feudal do século XVIII, é compreensível utilizar o termo “crise” para definir a sociedade pós-moderna super estimulada em que vivemos. Os medievais do século XVIII, por exemplo, eram presos apenas a vínculos de caráter político, agrário, corporativo e religioso (SIMMEL, 1950). A liberdade de hoje, dentro dos parâmetros de identificação, apresenta ao indivíduo diversas, quase infinitas formas de encontrar e se sentir parte no mundo. Desde o final do século XX, questões como gênero, sexualidade, etnia, classe social, raça e nacionalidade passaram a ser discutidas enquanto parte da formação identitária individual. Cabe aqui citar como Hall (1992) explica a concepção sociológica de identidade:

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 1992, p. 12)

A crise de identidade é impactada com um processo significativo de mudança na sociedade moderna conhecido como “globalização”, onde as mudanças são rápidas, contraditórias e permanentes (Hall, 1992). Além da rapidez, essas mudanças estão cada vez mais interconectadas entre as diferentes nações e suas particularidades. A questão da globalização tem um caráter muito importante de virada na forma de identificação da sociedade e dificulta o processo, por exemplo, da discussão sobre a necessidade de manutenção do patrimônio nas cidades, seja ele qual for. A questão da globalização vai ser explicada mais adiante junto com a noção do que é o “sentido de lugar” (MASSEY, 1991) na pós modernidade.

Hall dá um exemplo prático do que ele chama de “jogo das identidades” e como essa pluralidade e fragmentação do sujeito moderno se aplica em sociedade. O contexto é o cenário político estadunidense em 1991, envolvendo conservadorismo branco e um juiz negro de posição política também conservadora. Esse juiz foi acusado por uma colega de trabalho, também negra, de assédio sexual.

A discussão não é sobre a culpa ou inocência do juiz e sim a relevância das questões identitárias no processo de posicionamento dos indivíduos em situações desse tipo.

É notável, por exemplo, como nesse contexto nenhuma identidade singular consegue alinhar todas num grupo abrangente. Uma "identidade mestra", como classe social, não caberia nas sociedades modernas. Atualmente não é possível indivíduos se identificarem unicamente por serem negros, ou por ser ou não feminista ou por serem conservadores. Essas fragmentações se interceptaram de forma que os posicionamentos, diante de questões políticas relevantes em determinado momento, muitas vezes são levados em consideração sob a ótica de identificação pela causa ou grupo a que o indivíduo se sente parte.

1.2 IDENTIDADES URBANAS

O sociólogo alemão Georg Simmel apresenta um paralelo entre o desenvolvimento das metrópoles e suas consequências na vida mental dos sujeitos que nela vivem, explicando as consequências do fenômeno urbano como causa da reivindicação da autonomia da individualidade na sociedade moderna. Ele reafirma a dominação da metrópole pelo capital e as consequências neurais para a sociedade quando comparada à forma de vida no campo.

Essa visão ressoa de forma contundente com o perfil da sociedade atual. Em 1902, ano em que publicou seu texto "A Metrópole e Vida Mental", ele já demonstrava a fórmula de vida metropolitana de impessoalidade, pontualidade, exatidão e estabilidade, reduzindo assim o sujeito da metrópole a uma atitude *blasé*, que é por definição um ser altamente impessoal e completamente anestesiado pelos estímulos contrastantes metropolitanos.

A conceituação do sociólogo parte da ideia de que a motivação básica do indivíduo sempre vai ser a *resistência* a ser nivelado e uniformizado por um mecanismo sociotecnológico (SIMMEL, 1950). Podemos aqui entender esse mecanismo como o modelo de desenvolvimento econômico que molda o funcionamento da metrópole onde os conflitos acontecem. A metrópole é o palco onde todas as nuances cidadãs se concretizam e se manifestam, todavia, a individualidade é colocada em questão, primeiramente entendendo a diferenciação entre a vida no campo em comparação com a vida na metrópole, e sua consequente

intensificação dos estímulos nervosos (SIMMEL 1902).

Na metrópole a mente é continuamente estimulada por diferentes impressões, imagens e situações inesperadas. O indivíduo então desenvolve o *desenraizamento*, condição natural que acaba por anestesiar o sujeito em decorrência do ritmo das mudanças e impressões. Em contrapartida, é na vida rural de pequena cidade que as relações são profundamente sentidas e emocionais. Simmel, então, mostra como a intelectualidade funciona como uma atitude de preservação da vida subjetiva contra o poder avassalador da vida metropolitana, e também confirma como a economia e o domínio do intelecto estão intrinsecamente vinculados. (SIMMEL, 1902)

É pertinente constatar um outro aspecto sobre a intelectualidade que é abordada por Simmel onde ele a apresenta atrelada a uma sofisticação na indiferença a “toda individualidade genuína, porque dela resultam relacionamento e reação que não podem ser exauridos com operações lógicas”. (SIMMEL, 1902). Ele continua exemplificando como os aspectos da intelectualidade voltados para negociação e intercâmbio social, unicamente voltados para o capital, contrastam com os pequenos círculos que permitem os indivíduos se voltarem para suas individualidades, gerando um “tom mais cálido de comportamento, que vai além do mero balanceamento objetivo de serviços e retribuições”. (SIMMEL, 1902).

A atitude *blasé* que Simmel conceitua introduz esse sujeito que tem uma certa incapacidade de reagir a novas sensações, pois seus nervos foram tão estimulados com os infinitos impulsos urbanos que ele se torna incapaz de produzir uma energia aberta para novas sensações e acontecimentos. Simmel resume: “Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa blasé”. A atitude *blasé* é contemplada pela sensação de inutilidade e uma antipatia que protege mutuamente os indivíduos da indiferença e praticam a distância e aversão, o que Simmel considera inerente ao estilo de vida metropolitano, e que sem essas características não conseguiria ser mantido.

1.3 SOCIEDADE DO CANSAÇO

Entendendo como a vida na cidade afeta a forma que nos relacionamos uns com os outros e como as identidades e relações de pertencimento estão cada vez mais passivas de mudança, vivendo em constante crise, é pertinente introduzir o

aspecto da globalização como elemento chave para a atual composição social. A interligação cada vez mais fácil e rápida afeta diretamente a criação de vínculos, funcionando inclusive como uma via de mão dupla, onde pode é possível facilitar o surgimento dessas relações, como também dificultar a manutenção e aprofundamento das mesmas. O subcapítulo anterior conceituou o sujeito metropolitano e o enquadrado como uma pessoa dessensibilizada com as diversas contradições da cidade, que acaba por desenvolver uma atitude *blasé* (SIMMEL, 1902) diante dos estímulos sensoriais e de conexão com as pessoas.

É possível aqui fazer o paralelo com um termo mais recente que nos enquadra enquanto coletividade numa “Sociedade do Cansaço” (HAN, 2017). A perspectiva que esse filósofo traz é muito pertinente quando notamos a forma em que o modelo econômico nos confinou, produzindo uma disciplinaridade exaustiva em que nos tornamos nossos próprios supervisores. Não é mais preciso, necessariamente, uma força externa que nos faça produzir para alimentar o sistema financeiro, a especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. (HAN, 2017).

Dentro dessa perspectiva, Han busca através da disciplina de Foucault (1987) associar a produtividade dos indivíduos por meio da obediência e quanto mais destacável esse aspecto se torna dentro do sujeito, mais útil ele é para sociedade. Para ele, a energia do ser humano é maleável, somos corpos dóceis e passíveis de adestramento. Devido a esse adestramento social e às demandas infinitas da contemporaneidade, todos os aspectos sociais convergem para que sejamos associados e valorizados apenas por nossa produtividade e força de trabalho, desenvolvendo uma autovigilância constante voltada para sempre melhorar da performance social.

“O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer. [...] Deve ser um empreendedor de si mesmo.” (HAN, 2017, p. 83)

Se estamos em constante estímulo interno e externo, o tédio é praticamente inaceitável. Sentar num banco de praça, esperar a fila de banco, observar a cidade, deixar-se perder nos acontecimentos cotidianos. Tudo isso se tornou uma “perda

de tempo”, um reflexo quase inconsciente de como estamos completamente inseridos no complexo sistema de produção neoliberal, incapazes de estabelecer novas conexões reais e ver beleza no processo de construção das coisas.

“Quem se entedia no andar e não tolera estar entediado, ficará andando a esmo inquieto, irá se debater ou se afundará nesta ou naquela atividade. Mas quem é tolerante com o tédio, depois de um tempo irá reconhecer que possivelmente é o próprio andar que o entedia. Assim, ele será impulsionado a procurar um movimento totalmente novo. O correr ou o cavalgar não é um modo de andar novo. É um andar acelerado.” (HAN, 2017, p. 34 e 35)

1.4 GLOBALIZAÇÃO E SENTIDO DE LUGAR

O sentido de lugar na contemporaneidade entra em questão quando observamos os aspectos da identificação entre indivíduos e os espaços urbanos. Como já apontado nos subcapítulos anteriores, alguns diagnósticos sobre a forma que o sistema de produção influencia socialmente as relações, tanto entre as pessoas quanto entre pessoas e o trabalho, refletem completamente na forma que se vive a cidade atualmente. A efemeridade das relações sociais urbanas diante de diversas demandas, que vão além da própria relação entre os indivíduos, enfraquece as possíveis formas de se conectar entre si na cidade e com os espaços urbanos.

Nesse aspecto, a globalização, como já abordada anteriormente, ampliou o que se pode nomear por sentido de lugar. O questionamento que Massey (1992) traz é como, diante de todo esse movimento e de toda essa mistura, podemos manter algum sentido de um lugar local e sua particularidade? A falta de uma linearidade, algo maior que conecte pessoas e que torne a identidade o símbolo que representa determinado grupo, é em muitos casos levado a um extremo que tem sido cada vez mais recorrente entre várias nações do mundo.

[...] a saudade eventual de uma tal coerência é um sinal da fragmentação geográfica e da ruptura espacial do nosso tempo. E também tem feito parte do que dá origem a reações defensivas e reacionárias. Certas formas de nacionalismo, de recuperação sentimentalizada de “heranças” saneadas e de completo antagonismo aos que chegam e aos “estranhos” (MASSEY, 1992, p. 178)

A linha entre defender uma história e identidade local pode se tornar tênue quando observamos a forma com que se busca defender essa identificação e sentimento de pertencimento a um lugar. A própria discussão sobre identidade e pertencimento gera essa reflexão proposital sobre entender o que é importante para

determinado grupo e lutar para defendê-lo, sem segregar. Compreender as mudanças ocorridas ao longo dos anos, as demandas e os grupos sociais que podem vir a se tornar a “nova cara” de determinado local, designando perfis mais amplos a fim de habitar espaços. Quando voltamos a discussão sobre identidade para o aspecto local de bairro, parece não existir argumentos sólidos para a defesa da identificação e sentimento de pertencimento como aspectos relevantes para uma comunidade e como essas particularidades fornecem o terreno para a construção de mudanças notáveis nos espaços.

Massey então questiona se o sentido de lugar é necessariamente fechado e defensivo, se ele não tem a capacidade de se adaptar a essa era de compressão do tempo-espaço e, de alguma maneira, ser progressista quanto a seu aspecto político. Há por exemplo o entendimento sobre a forma que essa compressão do tempo-espaço pela globalização é sentida pelos grupos. Parece uma discussão bastante elitizada e segregada colocar todos os indivíduos da sociedade como impactados por essa aceleração constante e que, no fim das contas, é o capitalismo que determina nossa compressão e nossa experiência do espaço, porém ela completa que há muito mais coisas que determinam nossa vivência no espaço do que apenas o “capital”.

Além do aspecto financeiro, há questões como a raça e gênero que influenciam a forma que nos identificamos com os espaços, principalmente os urbanos. Exemplificando de uma maneira bem simplificada, a vivência de uma mulher e um homem no mesmo espaço público é sentida de maneira completamente diferente. Essas formas de sentir o espaço fortalecem o que há de bom e de ruim no que diz respeito a vivência na cidade, que são reconhecidas e legitimadas pelos grupos em questão. Aqui poderíamos inserir a experiência de várias outras formas de identificação enquanto individualidade e, certamente, suas vivências seriam bem diferentes umas das outras.

“É preciso enfrentar a necessidade das pessoas de uma ligação de algum tipo, seja com o lugar ou com qualquer outra coisa”. Se sentir parte de algo maior, parece soar para a sociedade pós-moderna como uma forma de escapismo romantizado da atividade real do mundo. A problemática trazida no texto explica como a visão dos lugares como portadores de identidade singulares que se constroem a partir de histórias introvertidas, à procura de origens internalizadas e

baseadas na sondagem do passado. Essa concepção de lugar parece demandar uma espécie de traçado de fronteiras, que naturalmente criam barreiras sociais e em muito casos até mesmo físicas.

O ponto principal da discussão é entender como os espaços urbanos devem ser acessíveis para a manifestação dessas individualidades, humanizando as vivências e criando um palco acolhedor para que as conexões entre as pessoas aconteçam. Dessa forma é possível, não apenas visualizar uma maneira de incentivar vínculos reais se formando na cidade, como também perceber a força que as identidades, quando manifestadas, agregam à evolução da sociedade.



CAPÍTULO 2

O BAIRRO SÃO JOSÉ

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EXPANSÃO URBANA EM ARACAJU

O primeiro desenho urbano definido para a cidade de Aracaju foi de 1855 no processo de criação da capital que partiu da necessidade de implementação de uma cidade nova, moderna e inovadora (DINIZ, 2009). A economia de Sergipe era baseada majoritariamente pelo comércio açucareiro, sendo a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju marcada pela possibilidade desta oferecer melhores oportunidades portuárias para o escoamento da produção do açúcar, sem precisar passar necessariamente pelo porto de Salvador na Bahia. (ARAÚJO, 2011)

O traçado urbano aplicado foi desenhado pelo engenheiro Sebastião José Basílio Pirro e ficou conhecido posteriormente como “Plano de Pirro”, como o formato de tabuleiro de xadrez (DINIZ, 2009). Seguiu a curva do Rio Sergipe e predominavam as linhas retas e perpendiculares com quarteirões quadrados com 100 metros em cada lado e ruas com largura de 12 metros. Para o alinhamento das ruas o processo utilizado foi similar a uma locação por cavaletes, onde foram usadas cordas e estacas, o que não favoreceu o formato ortogonal perfeito.

Diniz (2009) explica que nesse processo inicial de urbanização baseada na ideia de progresso criou-se o “mito” de que esse tipo de desenho ortogonal era padrão de modernidade absoluta. A partir de 1920, conforme as casas comerciais vão se instalando e crescendo no Centro, as famílias das elites passam a migrar para o bairro São José, “o que atesta o referido deslocamento de eixo, que não é apenas no âmbito das funções urbanas (predominância do uso comercial), mas de maneira especial no âmbito da vida social.” (SILVA, 2009). Esse crescimento seguiu de forma lenta, reflexo da estagnação econômica e efeitos da Segunda Guerra, até que em 1950 retoma a perspectiva de desenvolvimento mais acelerado na cidade, dentro dos padrões aracajuanos da época.

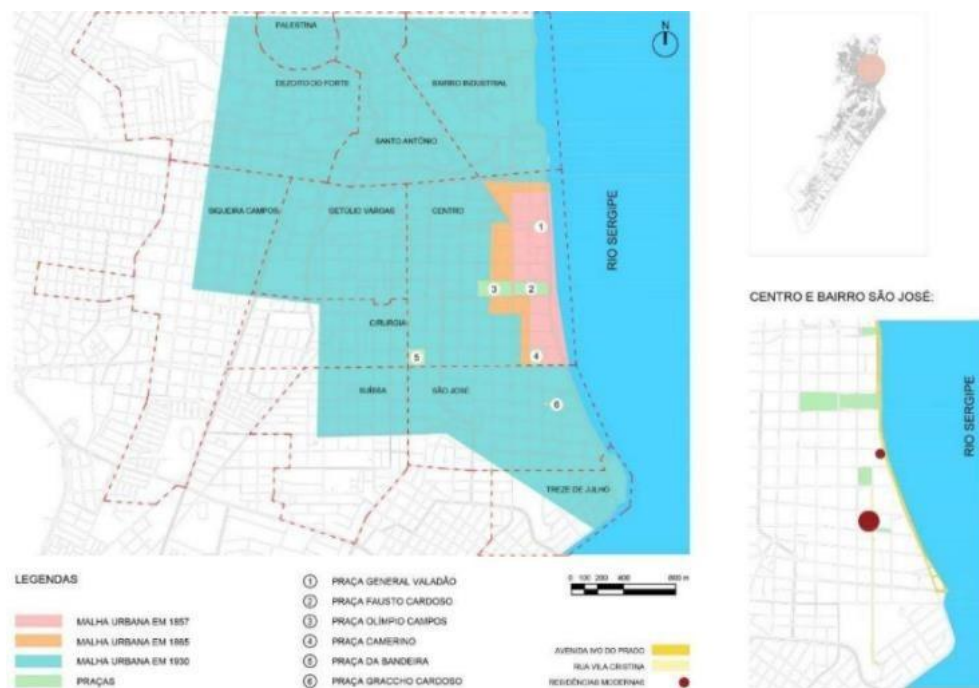


Figura 4: Mapa com manchas que definem a malha urbana da cidade de Aracaju em 1857, 1865 e 1930. Fonte: Carolina Chaves e Rejane Lúcia Tourinho, 2018

Segundo Araújo (2011) o Código de Posturas da época proibia construções com cobertura de palha dentro do “Quadrado de Pirro”, então as primeiras ocupações clandestinas aconteceram mais ao norte dessa região, atualmente o bairro Industrial, até que esse novo desenho se expande por conta do crescimento demográfico e, a partir de 1950, junto à valorização do solo aracajuano, alguns fatores importantes foram responsáveis pela aceleração de todo o processo de modificação da paisagem urbana e início da verticalização na capital.

Alguns exemplos são a inauguração do aeroporto Santa Maria em 1958, impulsionando o crescimento na região, a consolidação do êxodo rural e a consequente expansão de vários bairros populares em 1960, quando a agricultura cede lugar para a pecuária. Além disso, houve a descoberta de petróleo em Carmópolis, em 1963, o que ocasionou na transferência do escritório da Petrobrás de Maceió para Aracaju, aumentando significativamente a demanda de habitação para a classe média. No ano seguinte é criado o Banco Nacional da Habitação (BNH) que financiava as Companhias de Habitação (COHABs) de cada estado (ARAÚJO, 2011).

Dentro desse plano de modernização da cidade, a partir da década de 50, inicia-se a verticalização no Centro com o Edifício Mayara, o Walter Franco e logo

depois o primeiro edifício exclusivamente residencial marca o início da verticalização no bairro São José, o Edifício Atalaia, localizado na Ivo do Prado com 10 andares. Em 1965, é implantada a “cidade dos funcionários” no bairro Grageru e em 1969 o Estádio Lourival Batista é inaugurado, consolidando as áreas do São José e 13 de Julho.

O que regia a cidade de Aracaju até a década de 60 era o Código de Posturas, direcionando a expansão urbana da cidade, sendo substituído em 1966 pelo primeiro Código de Obras de Aracaju. A verticalização nas décadas de 70 e 80 no centro já se consolidava e as famílias de classe média e alta começam a migrar para zona sul, se alojando num novo tipo de modelo de moradia que se tornou um padrão que é repetido até os dias de hoje: um ou mais edifícios num terreno com área de lazer e áreas verdes. Porém é na década de 70 que começam a tomar forma os empreendimentos imobiliários de ocupação na zona Central, Sul e Oeste.



Figura 5: Vista aérea da 13 de julho em direção ao Centro na década de 70. Fonte: Acervo Vera França, apud DINZ, 2009

Essa expansão contribuiu para o início de um processo de esvaziamento residencial do Centro e São José, transformando esses bairros em lugares com predominância de serviços, comércio e finanças. É também no final da década de 60 que é inaugurada a Clínica São Lucas, que depois se transformou no hospital e que iniciou a concentração de serviços médicos no bairro São José. O surgimento do São José, num primeiro momento, mostra uma necessidade das camadas mais altas da época de se diferenciarem socialmente, um padrão que continua a se desenvolver nas cidades. Esse tópico que será discutido mais à frente.

Em 1974 o Distrito Industrial de Aracaju é inaugurado devido ao crescimento do setor, a Avenida Ivo do Prado já nessa época se consolidava como espaço com predominância de famílias abastadas e nos anos 80 já estava bem consolidada a tendência da transferência do uso residencial para a 13 de julho e para as residenciais de veraneio na Atalaia. O fim dos anos 80 também é marcado pela construção do *shopping* Riomar, o primeiro *shopping center* de Aracaju, fortalecendo o processo de esvaziamento do Centro, dessa vez de ordem mais comercial. Quase 10 anos depois, é inaugurado, em 1997 o *shopping* Jardins junto com a implantação do bairro de mesmo nome, entre a 13 de Julho e a Avenida Tancredo Neves. Nos anos 90 o São José já contava com uma verticalização considerável e infraestrutura consolidada.

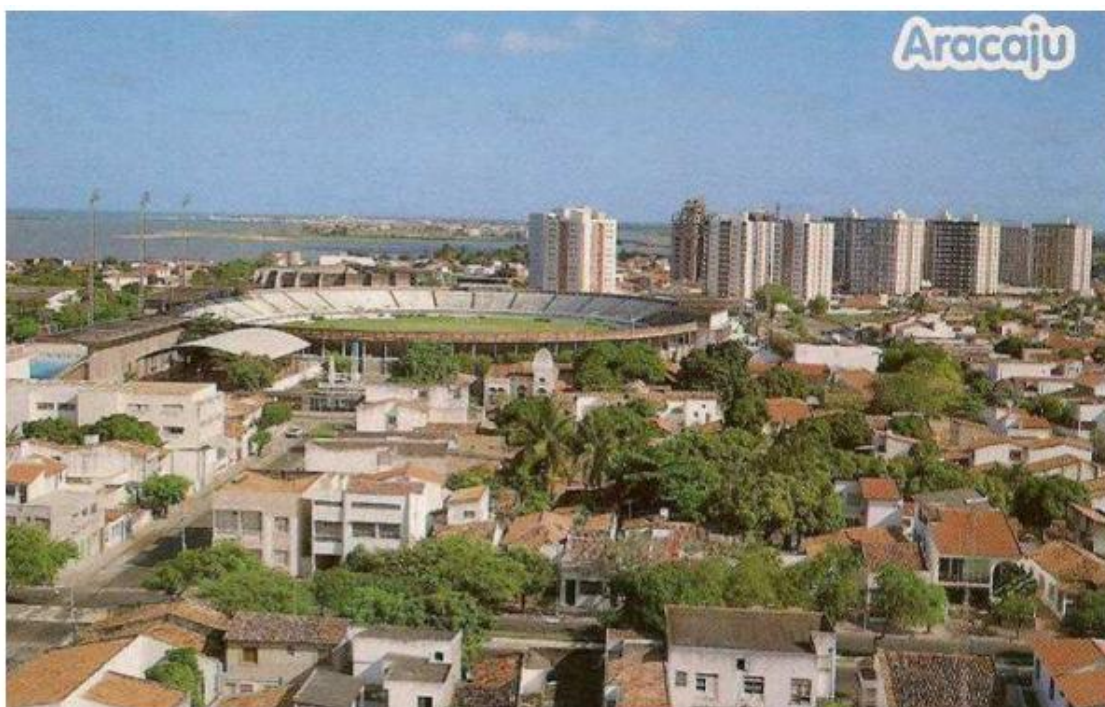


Figura 6: bairro São José com para vista do Batistão e 13 de julho com vários prédios da Norcon ao fundo, década de 90. Fonte: Acervo Alexandre Diniz apud DINIZ, 2009.

Logo, é possível entender como a rápida expansão urbana e crescimento populacional pode ter influenciado na escolha dos novos destinos de moradia dos aracajuano, fortalecendo o processo de esvaziamento do Centro e destinando o bairro São José a um caminho similar.

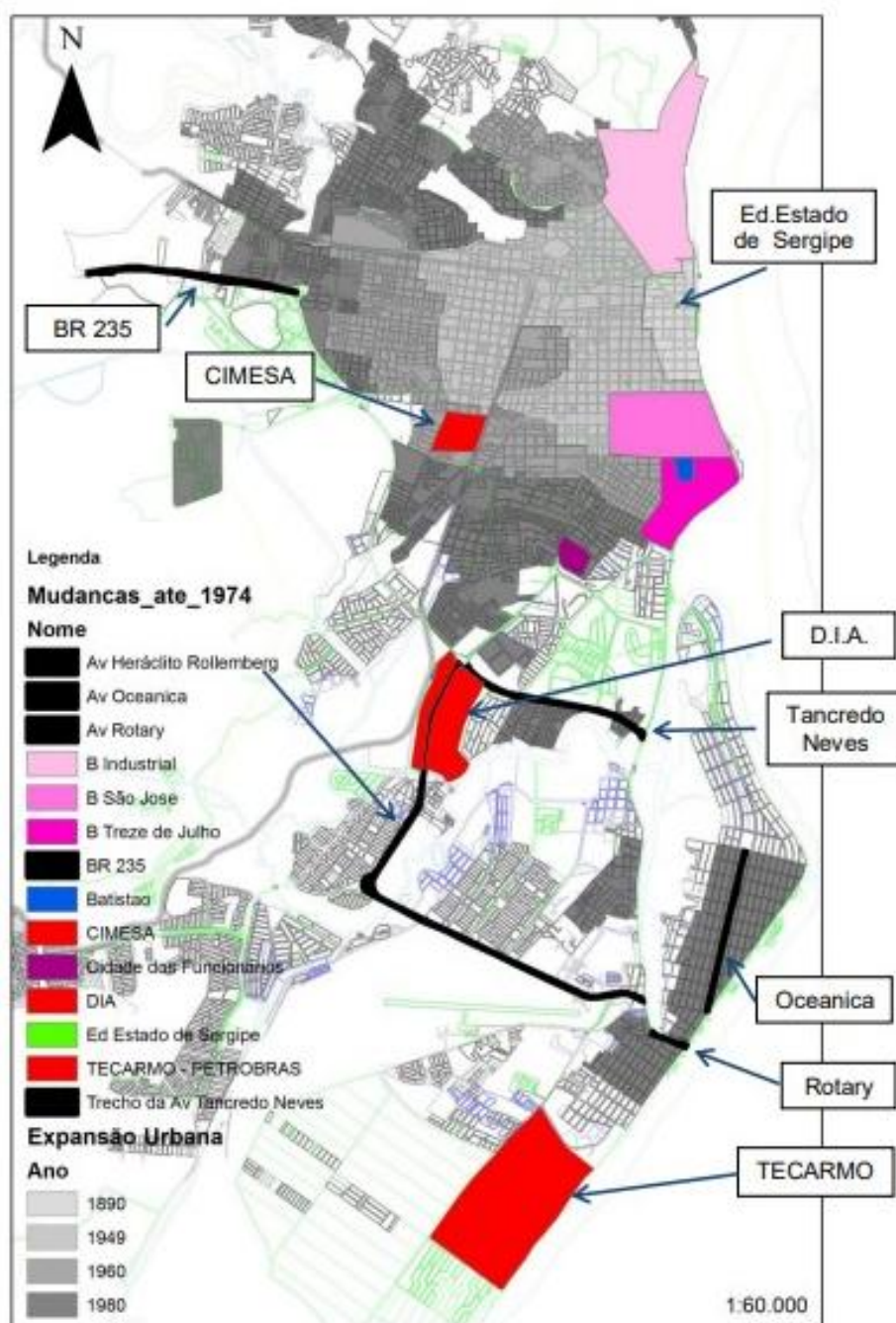


Figura 7: Mapa com a evolução urbana de Aracaju até 1974. Fonte: ARAÚJO, 2011

Para finalizar este subcapítulo, um breve resumo da linha do tempo do desenvolvimento do bairro São José feita por Araújo (2011), que começa nos anos 40 até 1969, onde há a predominância de residências unifamiliares e foi implantado o Colégio Estadual Atheneu Sergipense em 1954 e o Arquidiocesano. De 1969 até 1980 as residências unifamiliares aumentam, o Estádio Lourival Batista é inaugurado e no fim dessa fase inicia-se a verticalização do bairro. Já dos anos

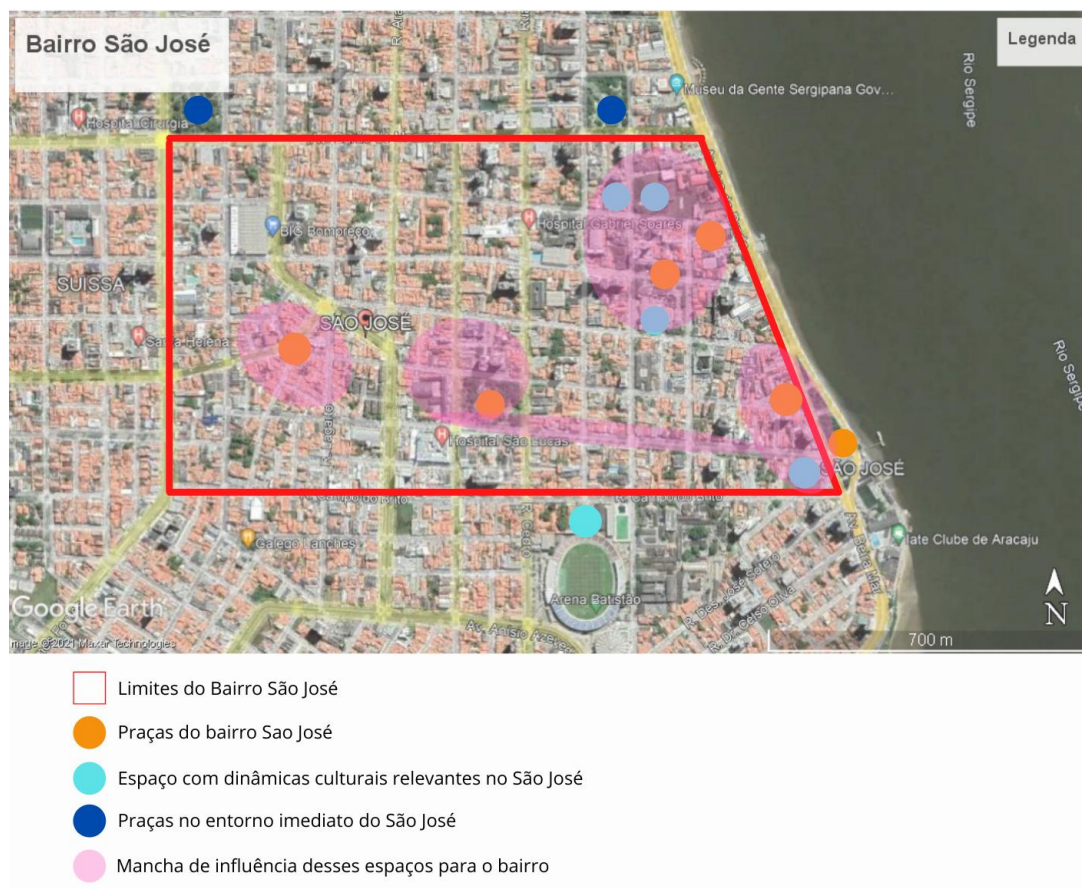
1980 até 2000, o uso residencial divide-se em unifamiliar e multifamiliar e a quantidade de atividades ligadas à área médica e hospitalar intensificam-se, transformando o entorno do Hospital São Lucas em um destino especializado nesse exercício.

2.2 O BAIRRO SÃO JOSÉ ATUALMENTE

Os limites do São José são a Avenida Barão de Maruim ao Norte, Avenida Hermes Fontes ao Oeste, Avenida Ivo do Prado ao Leste e Rua Campo do Brito ao Sul, conforme figura 5. Atualmente o bairro é bem abastecido com serviços e comércio úteis para o dia-a-dia, além dos hospitais e clínicas. Conta com diversas praças, instituições de ensino, padarias, lanchonetes, supermercados, o Estádio Estadual Lourival Batista, bem como órgãos tal qual o Instituto Médico Legal, Polícia Civil, Controladoria Geral da União, OAB e a Secretaria de Segurança Pública.

É notável dentro do São José uma estrutura urbana que poderia ser dividida por zonas, onde cada zona específica se diferencia pela estrutura urbana que consegue oferecer, tanto para os moradores que utilizam seu entorno imediato, quanto para pessoas que utilizam o bairro com algum objetivo específico (trabalho, serviço, estudo, passeio). Esse “zoneamento” vai ficar mais claro e objetivo com os resultados do questionário no próximo capítulo, porém uma característica notável do São José que vale ser destacada aqui é a quantidade de praças e espaços urbanos com boa infraestrutura, que são referências visuais de localização na cidade (ver figura 5).

Vera França, no seu Diagnóstico da Cidade de Aracaju (2014), levantou as áreas verdes por habitantes de cada bairro e o São José vem em segundo lugar com 3,1 m² por habitante, isso significa uma quantidade significativa de espaços públicos bem arborizados e marcantes no contexto visual. O fato de ser marcante no contexto da paisagem urbana de Aracaju vai ser melhor explorado no próximo capítulo com o desenvolvimento do questionário e apresentação das respostas dos participantes.



Mapa 1: Mapa do bairro São José com demarcações. Fonte: Google Earth com alterações da autora, 2021

Complementando o resumo do subcapítulo anterior, dos anos 2000 até os dias atuais, é possível perceber como a especialização dos serviços médicos na região apenas se fortaleceu e que como grande parte das residências unifamiliares estão se transformando em novas clínicas ou sendo demolidas e convertidas em estacionamentos para sanar a necessidade do volume de trabalhadores e pessoas em busca de serviços na região (ver figura 6). Esse tópico também vai ser melhor discorrido com a apresentação das respostas dos participantes do questionário no capítulo 3.



Mapa 2: Mapa do bairro onde há predominância de serviços médicos. Fonte: Google Earth com alterações da autora, 2021

Observando a diversidade de equipamentos urbanos disponíveis para quem vive e quem passa pelo bairro, é importante entender de que forma o esvaziamento residencial do bairro vem alterando a dinâmica da relação de moradores com a região e como consequência as relações de identificação dos indivíduos com o São José. Captar os sentimentos dos que ainda vivem no bairro como meio de manutenção da vitalidade do espaço, entendendo o real valor de um lugar ou edificação para a sociedade na escala de bairro, é uma importante forma de entender as necessidades da população em determinado contexto social e contribuir para sua melhoria.

2.3 DINÂMICAS DO Esvaziamento Urbano no São José

O processo de esvaziamento de um local em detrimento de outro foi examinado no contexto de denominação de um espaço público como “forte” ou “fraco” (SILVA, 2009). Silva (2009) entende, por exemplo, que a construção do primeiro *shopping center* em Aracaju foi uma das causas de modificação na forma da população se relacionar com o centro da cidade, enfraquecendo dinâmicas locais

e tornando-as limitadas. Isso acontece pela concentração de serviços e comércio numa parte da cidade, substituindo os espaços de lazer públicos para uma esfera privada “formalmente concebidos para inibir a interação entre as pessoas e encorajar ações ligadas ao consumo, onde o cidadão se converte em consumidor na tentativa de homogeneizar comportamentos e formas de agir.” (SILVA, 2009). Esse processo não apenas enfraqueceu o Centro como espaço de comércio, como também fortaleceu a migração das elites para a 13 de Julho, buscando uma nova opção de moradia, repetindo o mesmo ciclo que, duas décadas antes, fez a elite migrar do Centro para o São José.

A forma específica que o bairro São José se desenvolveu e continua se desenvolvendo explica o crescente esvaziamento residencial. A atividade predominante de comércio e serviços especializados tem o poder de valorizar uma área e atrair novos moradores, podendo, entretanto, causar o efeito contrário e criar uma repulsão a depender do tipo de comércio e serviços. (ARAÚJO, 2011). Araújo explica que essa “repulsa”, por conta da especialização nos serviços hospitalares, principalmente na parte oeste do bairro, fortaleceu esse esvaziamento, devido a convenção urbana (ABRAMO, 2007) que delimitou esse bairro como “área das clínicas”.

Há também um quesito determinante nas escolhas residenciais que é majoritariamente motivada por uma busca de distinção socioespacial, onde as famílias desejam estar próximas aos seus próximos (ABRAMO, 2007). Esse desejo de proximidade com seus semelhantes é o que caracteriza a convenção urbana.

A convenção urbana é uma externalidade de vizinhança que não necessariamente está ancorada em uma territorialidade específica; ela não está definida por fatores naturais, mas sim pelo caráter de interação socioespacial de setores do mesmo estrato social (ou cultural, étnico, etc.). (ABRAMO, 2007, p. 45)

Esse padrão de comportamento de desejar estar próximo dos seus próximos é alimentado pelo capital imobiliário, que se beneficia promovendo a venda de um estilo de vida mais “confortável, interessante e belo”. Além da falta de interesse de empresas da construção civil de investir em novos empreendimentos no bairro por conta da sua característica de lotes residenciais unifamiliares, há também um outro motivador mercadológico que aqui podemos chamar de depreciação fictícia (ABRAMO, 2007). Esse processo funciona na diferenciação de produtos, nesse

caso imóveis, onde uma parte do estoque imobiliário produziria um mercado secundário que é determinante para manutenção da liquidez do mercado dos novos imóveis. (ABRAMO, 2007). Ou seja, é importante para o mercado imobiliário manter imóveis antigos com uma certa vida útil de forma a criar uma “concorrência” com os novos padrões de moradia, porém nunca os superando e se tornando uma opção residencial para os estratos sociais inferiores.

A depreciação fictícia (ABRAMO, 2007) compreende bem o caso do bairro São José, pois justificaria a saída de famílias abastadas para os novos bairros, concentrando os seus iguais nesses novos espaços, ao mesmo tempo que fortalece a visão mercadológica no sentido de manter até certo ponto os benefícios de se morar no São José, criando a segunda opção “mais em conta” e com possibilidade de ser mais mesclada no sentido de abrangência de diferentes classes sociais.

Em uma sociedade estratificada, esse padrão de comportamento de desejar estar próximo dos seus próximos produz uma cascata de movimentos de rejeição dos não-próximos do alto da pirâmide social para baixo. Assim, as convenções urbanas são hierarquizadas e servem de mecanismo cognitivo que garante a estrutura segmentada e hierarquizada das externalidades de vizinhança, portanto, da estrutura socioespacial urbana segmentada (segregada) e desigual (ABRAMO, 2007, p. 44).

No Diagnóstico da Cidade Aracaju são apresentadas as perdas mais acentuadas de moradores nos bairros com crescimento de atividades comerciais e de serviços “onde estão se consolidando novas áreas de centralidade ou que é, de fato, extensão das atividades da área central, como São José (13,21%), Salgado Filho (12,24%), Cirurgia, Centro e Getúlio Vargas.” (FRANÇA, 2014). A tabela a seguir relaciona o início da atividade motriz e as transformações urbanas por bairro de Aracaju.

Bairros	Início atividade motriz		Início transformação urbana	
	Ano	Tipo	GAP (anos)	Tipo
Industrial	1950	Industrial (início decadência)	5	Esvaziamento e degradação
	1950	Comércio e Serviços	20	Verticalização
Centro	31 anos depois mudança do tipo			
	1981	Comércio e Serviços Popular	17	Esvaziamento e degradação
Siqueira Campos	1960	Comércio e Serviços	6	Intensificação da ocupação
São José	1975	Comércio e Serviços	6	Intensificação da ocupação
	21 anos depois mudança do tipo			
	1996	C/S ligados à Saúde	0	Esvaziamento residencial

Tabela 1: tabela relacionando o início da atividade motriz e as transformações urbanas de cada bairro. Fonte: ARAÚJO, 2011

Essa motivação de saída do bairro também pode estar relacionada aos processos contemporâneos de segregação por conta do medo da violência, principalmente se observamos o contexto dos bairros novos em sua grande maioria povoados por condomínios fechados com áreas de lazer cada vez mais atrativas. Mais a frente isso fica claro com algumas respostas dos participantes do questionário no que diz respeito à insegurança no bairro.

As classes mais altas têm usado o medo da violência e do crime para justificar tanto novas tecnologias de exclusão social quanto sua retirada dos bairros tradicionais, produzindo enclaves fortificados para sua residência, trabalho, lazer e consumo" (Caldeira, 2000, p. 9).

Ainda sobre o processo de esvaziamento, França (2014) expõe que nos últimos 30 anos os bairros antigos e consolidados como São José vêm diminuindo sua população residencial, enquanto o setor comercial e de serviços ganha cada vez mais força. Isso é notável com a quantidade elevada de casas vazias com anúncios de venda nos muros e ruas pouco movimentadas, como a Dom José Thomaz, que atualmente tem poucos pontos de referência funcionando, bem como diversas residências e galerias vazias.

É importante salientar a falta de políticas públicas voltadas para uma tentativa de solucionar o esvaziamento residencial de uma área muito bem abastecida de infraestrutura. Atualmente, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju está em revisão e, no dia 13 de outubro de 2021, ocorreu a audiência pública no Colégio Atheneu, abarcando os bairros São José, Salgado Filho, 13 de Julho e Jardins.

Foi importante ver a participação de arquitetos e urbanistas empenhados e atentos à discussão, cobrando principalmente por um diagnóstico atualizado da cidade, antes da elaboração de propostas e diretrizes específicas. Entretanto, foi ínfima a participação de moradores do bairro e as audiências públicas foram limitadas à participação de apenas 150 pessoas. A problemática do esvaziamento residencial do bairro São José foi apresentada por moradores e arquitetos, bem como a falta de fiscalização e manutenção do patrimônio do bairro. Também foram apresentadas insatisfações relacionadas a questões como manutenção de praças e calçadas, melhora no escoamento das águas e fechamento dos esgotos dos bairros em discussão.

Na revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju, uma parte do São José e do Centro aparecem como Área de Interesse Urbanístico dentro dos quadros 2 e 3. O primeiro denominado Centro Histórico e o segundo que compreende uma pequena parte do São José que conserva algumas construções modernistas. Se observarmos os limites totais do bairro e também a quantidade de residências abandonadas no Centro e São José, é notável quão mínimas são as diretrizes para melhoria, manutenção e preservação dessas áreas. Essas diretrizes serão apresentadas e discutidas nos capítulos posteriores.

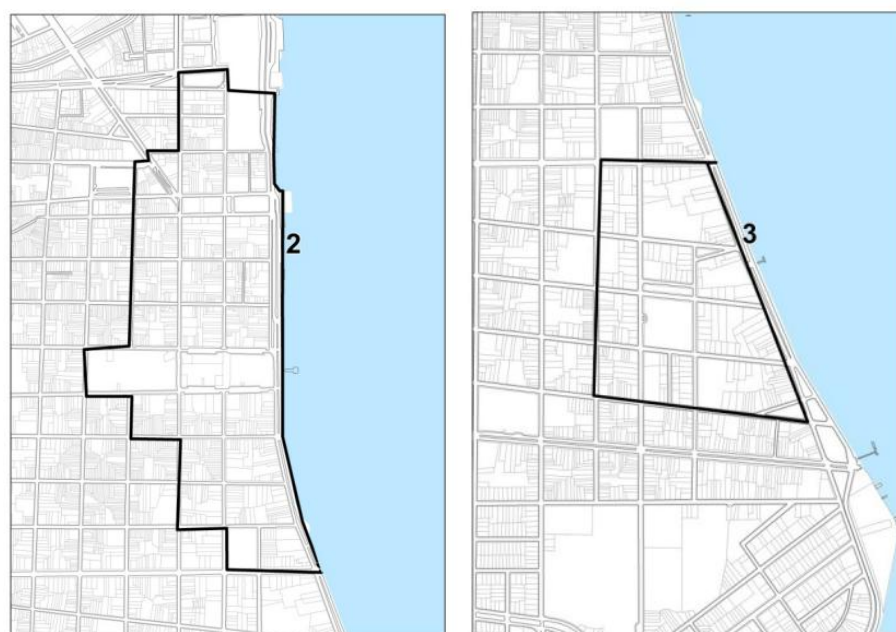


Figura 8 e 9: Mapas 2 e 3 com a abrangência das Áreas de Interesse Urbanístico. Fonte: PDDU, 2021

A contextualização desse longo recorte de tempo é importante para o entendimento da mentalidade motivadora de todo o processo de construção de Aracaju e das capitais brasileiras, iniciado majoritariamente na década de 50. O progresso e modernização vinculados a um estilo de vida vendido como ideal pelos poucos meios de comunicação da época era alimentada no imaginário da população. Esse levantamento auxilia a compreensão dos motivos que permeiam a saída de pessoas de um bairro para outro, principalmente entre as famílias ricas geralmente para a região Sul, zona cada vez mais valorizada na cidade de Aracaju.



CAPÍTULO 3

**RELAÇÕES DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO
SÃO JOSÉ**

3.1 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM URBANA

A imagem do bairro São José que predomina no imaginário dos moradores da cidade de Aracaju foi o ponto de partida para desenvolver um questionário que buscasse encontrar pontos de conexão e afetividade dos participantes com o bairro. O questionário, cujos resultados serão abordados no capítulo 3.2, também buscou exercitar um olhar mais técnico de setorização do espaço, além da busca nos sentidos e memória os pontos de lembrança mais vívidos e que chamam atenção nesses espaços urbanos do bairro.

A maioria das perguntas tiveram como objeto principal o bairro São José, porém uma das questões expande um pouco a noção do indivíduo com esse objeto e indaga a relação pessoal do participante com o seu bairro, seja ele qual for. Essa pergunta específica introduz o participante de forma sensorial no seu espaço de convívio, pois busca primeiramente perceber se existe ou não uma relação afetiva, um vínculo relevante do indivíduo com o espaço urbano que ele habita. No capítulo 1 foram abordadas as formas contemporâneas de vivência e compreensão da cidade, então é comum que muitas pessoas não tenham uma relação de convívio com seus bairros ou com espaços públicos das cidades, ou seja já era esperado que alguns participantes do questionário não mostrassem muito conhecimento sobre seu entorno ou que mantivessem uma relação de “cidade dormitório” com seus bairros.

Para embasamento teórico, a forma de análise da imagem pública mental dos moradores de três cidade norte-americanas foram coletadas por Lynch (1960), que elencou, entre diversos conceitos, a “Imagem do Ambiente” através de quatro pontos que guiaram a construção dessa pesquisa: Legibilidade, Construção da Imagem, Estrutura e Identidade e, por fim, Imaginabilidade

3.1.1 Legibilidade

O primeiro é a *Legibilidade* que é a qualidade visual que define a clareza aparente das paisagens da cidade (LYNCH, 1960). Em resumo, esse ponto compreende a facilidade com a qual os pontos da cidade são reconhecidos e organizados mentalmente de forma coerente pelos indivíduos e como esses espaços, quando dotados dessa qualidade, têm a capacidade de reforçar a profundidade e intensidade da experiência humana. Ele exemplifica comparando uma cidade legível a uma página impressa, cujo símbolos são facilmente identificados, sendo assim visualmente apreendida. “Uma cidade legível seria aquela

cujos bairros, marcos ou vias fossem facilmente reconhecíveis e agrupados num modelo geral” (LYNCH, 1960, p. 3). Uma imagem clara e de fácil identificação do entorno é uma base importante para o desenvolvimento individual.

Estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem. Muitos tipos de indicadores são usados: as sensações visuais de cor, forma, movimento ou polarização da luz, além de outros sentidos como olfato, a audição, o tato, a cinestesia, o sentido da gravidade e, talvez, dos campos elétricos e magnéticos. (LYNCH, 1960, p. 4)

Dentro desse aspecto é destrinchada a importância social dos espaços urbanos e a eleição, por exemplo, de paisagens admiráveis como mitos em sociedades primitivas. Uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional, e durante guerras as recordações da “cidade natal” costumam ser o primeiro e mais fácil ponto de contato entre os soldados solitários. (LYNCH, 1960).

Esse ponto também reforça como a facilidade de *leitura* da cidade consegue estabelecer uma orientação e junto com ela a sensação de equilíbrio e bem-estar. Quando nos perdemos pela cidade - o que costuma ser uma experiência rara na sociedade contemporânea com o fácil acesso à informação – é comum que a desorientação cause certa angústia ou medo em alguns. Afinal “estar perdido”, ou “se sentir perdido” é definido de diversas maneiras, para além somente da incerteza espacial geográfica.

É certo que existem formas de se estudar a cidade por meio de conceitos como a Teoria da Deriva Urbana (DEBORD, 1958) e a possibilidade de utilizar esse recurso para compreensão dos sentidos, está interligado “ao reconhecimento dos efeitos da natureza psicogeográfica e afirmação de um conceito lúdico-construtivo” (DEBORD, 1958). Por outro lado, Lynch (1960) explora de forma mais objetiva os aspectos já conhecidos pelos habitantes e como esses pontos criam a conexão indivíduo-espço. Em ambos os conceitos o observador tem papel ativo na percepção e transformação dessa imagem, pois a cidade não mantém paisagens definitivas uma vez que ela preserva um movimento intenso e passível de continuidade.

3.1.2 Construção da Imagem

A observação do ambiente pelo indivíduo é um processo bilateral que naturalmente resulta na imagem ambiental. (LYNCH, 1960) Essa observação é

extramamente subjetiva e ainda assim é capaz de captar uma forma em comum a outros indivíduos, porém é uma noção individual que varia de acordo inúmeras vivências e percepções únicas que influenciam a forma de ver a cidade e que são selecionadas de acordo com seus próprios objetivos. Logo, uma determinada realidade pode ter uma imagens significativamente distintas para observadores diferentes.

É importante ressaltar, por exemplo, que algumas formas de identificação podem influenciar significativamente a maneira que um grupo de pessoas cria determinada imagem mental. Por exemplo, uma longa familiaridade com o objeto é capaz de construir uma identificação, mesmo que essas imagens seja desordenadas ou irrelevantes para o todo. Também a forma que nos agrupamos em sociedade, a maneira que nos identificamos com grupos específicos, influencia a forma que imagem mental é construída no imaginário.

Em classes cada vez mais homogêneas de idade, sexo, cultura, profissão, temperamento ou grau de familiaridade, cada indivíduo cria e assume sua própria imagem, mas parece existir um consenso substancial entre membros do mesmo grupo. (LYNCH, 1960, p.8)

Na construção da cidade moderna, pode-se afirmar que houve um desejo de padronização no sentido de facilitar a compreensão de elementos urbanos por muitas pessoas, onde as imagens da cidade que são comuns a um grupo significativo de observadores foi relevante nos desenhos urbanos dos planejadores modernistas. Aqui cabe uma observação sobre como esse processo é linear e facilita a delimitação de espaços, porém se resume a um ponto de vista muito seletivo e determinante. Com a análise das respostas do participantes do questionário, vai ser possível exemplificar através dos relatos, algumas formas mais subjetivas de identificação espacial e construção dessa imagem urbana.

3.1.3 Estrutura e Identidade

Segundo Lynch, Identidade, Estrutura e Significado são os três componetes decompostos de uma imagem ambiental. O conceito de identidade que Lynch explica nesse ponto diz respeito a identificação no sentido de individualidade ou unicidade, um reconhecimento de um objeto enquanto entidade separável de outra coisas. Além disso esse objeto deve ter algum significado para observador, seja ele prático ou emocional, bem como uma relação espacial ou paradigmatica. Ele entende a imensa subejtividade dos significados individuais atribuídos aos

espaços e como em um primeiro momento de sua análise é praticamente impossível distinguir significado e forma, onde que as imagens grupais de significado tendem a ser menos consistentes nesse nível do que as percepções de identidade e relação.

Se temos o objetivo de construir cidades para o desfrute de um imenso número de pessoas de formação e experiência extremamente diversas - e cidades que também sejam adaptáveis a objetivos futuros - , devemos ter também a sabedoria de nos concentrar na clareza física da imagem e permitir que o significado se desenvolva sem nossa orientação direta. (LYNCH, 1960,p.10)

3.1.4 Imaginabilidade

Imaginabilidade: a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente (LYNCH, 1960, pag. 11).

O último ponto foi a *Imaginabilidade* que compreende as qualidades físicas e ambientais relacionadas aos atributos de identidade e estrutura na imagem mental dos indivíduos, além de levar em conta e demonstrar a necessidade de identidade e estrutura em nosso mundo perceptivo, ilustrando a relevância espacial dessa qualidade para o caso específico do espaço urbano, complexo e mutável.(LYNCH, 1960).

Todos esses pontos de construção da imagem se entrelaçam e essa qualidade é bem similar a *Legibilidade*, porém num sentido mais profundo que é intenso e presente os sentidos, que convida os olhos e ouvidos a uma atenção e participação maiores na observação da cidade. A qualidade da imaginabilidade desenvolve os observador a um ser sensível e familiarizado com seu espaço, podendo absorver novos impactos sensoriais sem romper sua imagem básica do objeto e a cada nova modificação, o sujeito não romperia sua ligação com os esses novos elementos existentes.

A investigação de Lynch busca descobrir a construção dessa imagem e para aplicação do conceito ele utilizou dois métodos que foram norteadores do questionário online desenvolvido para o presente trabalho. No próximo tópico esses métodos vão ser discutidos.

3.2 RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O questionário buscou entender de que forma as pessoas se relacionam com seus bairros e as motivações para tal, logo ele foi destinado a moradores da cidade de Aracaju como um todo, não apenas do bairro São José. Foi partindo dessa ideia que o formulário foi pensado, estruturando em primeiro plano os dados gerais sobre o participante, depois buscando acessar o imaginário relacionado à identificação com os espaços e também entender as razões que levam o indivíduos se sentirem parte de um espaço urbano.

Lynch (1960) fez essa investigação de forma mais ampla e extensa, porém a entrevista que ele desenvolveu com uma pequena amostra dos cidadãos sobre a imagem do ambiente quis também testar a confiabilidade desses métodos na tomada de decisões de planejamento urbano. (Lynch, 1960, pg. 161) Como esse trabalho visa entender como as relações de identificação e pertencimento dos indivíduos com o São José, as questões sobre o imaginário que remetem a pontos específicos e aspectos marcantes do bairro para os participantes foram levados em consideração para a posterior construção de propostas.

O questionário online foi desenvolvido através da plataforma *Google Docs* e ficou aberto para respostas do dia 26 de setembro até o dia 9 de outubro. Ele foi divulgado para as pessoas através dos aplicativos *Whatsapp* e *Instagram* com o seguinte texto de introdução:

“Olá, meu nome é Jessica Andrade, sou estudante de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Sergipe (DAU- UFS) e estou desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso com o tema “Relações de Identidade e Pertencimento no Bairro São José”, sob orientação do professor César Henriques de Matos e Silva.

Esse questionário busca levantar dados relacionados ao imaginário e percepção dos moradores de Aracaju sobre o bairro São José com o intuito de entender de que forma o desenho urbano pode influenciar em vivências de bairro mais ativas. A escolha do São José como estudo de caso foi motivada por uma relação intrínseca enquanto moradora ativa do bairro por 10 anos e pela necessidade de entender a vida de bairro nesse lugar e o seu impacto na qualidade de vida das pessoas.

Todos estão convidados a responder, sejam moradores do bairro ou não. Sua resposta a esse questionário vai ser muito

importante para minha pesquisa! Desde já, muito obrigada”

No total foram 12 perguntas, dentre elas 4 no formato objetivo e 8 no formato aberto, o que modificou um pouco a sistematização e apresentação dos resultados. As perguntas do questionário online foram:

1	Qual a sua idade?
2	O que você é?
3	Qual sua renda média familiar?
4	Qual bairro você mora?
5	Sobre sua relação com o seu bairro, você se identifica ou se sente parte dele de alguma maneira? Se possível, justifique sua resposta
6	Se não mora no São José, com que frequência você vai ao bairro?
7	Qual a primeira palavra que vem a sua mente quando pensa sobre o bairro São José?
8	Para você, qual a parte mais marcante desse bairro? (Pode ser uma construção, rua, praça, etc)
9	Quando você anda pela cidade, em que momento você entende que está dentro do bairro São José?
10	Se você pudesse dividir o São José em diferentes partes (setorizar), como você o faria?
11	Para você, quais são os problemas do bairro e o que você sugeriria como possíveis soluções?
12	Por fim, quais pontos fortes você enxerga no bairro São José?

Quadro 01: Matriz de entrevista virtual.

Fonte: Autora, 2021

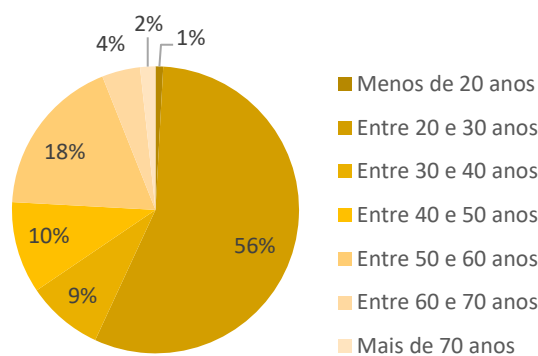
Cento e dezesseis pessoas participaram do questionário. Primeiramente vão ser apresentadas as tabelas com as quantidades de cada resposta pela contagem de palavras e expressões que mais se repetiram ao longo das respostas subjetivas dos participantes e algumas considerações sobre os resultados vão sendo apresentados ao longo do texto. A quantidade de resultados de cada questão varia devido ao caráter subjetivo das perguntas, podendo haver mais de um tipo de resposta por cada participante.

3.3 ANÁLISES DAS RESPOSTAS

As quatro primeiras questões são objetivas. Houve predominância de participantes mulheres entre 20 e 30 anos de idade e renda média familiar de mais de 6 salários mínimos. Aqui os gráfico serão apresentados, primeiramente em porcentagem e, ao lado, uma tabela com os valores absolutos da quantidade de

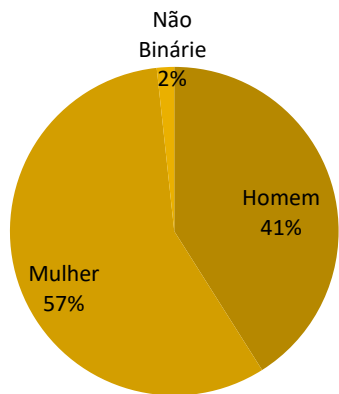
participantes que responderam a cada item.

1- Qual a sua idade?



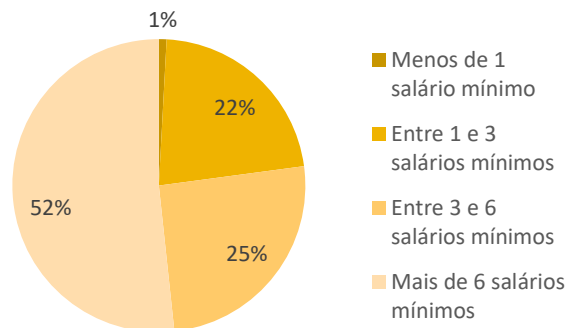
Menos de 20	1
Entre 20 e 30 anos	65
Entre 30 e 40 anos	10
Entre 40 e 50 anos	12
Entre 50 e 60 anos	21
Entre 60 e 70 anos	5
Mais de 70 anos	2

2- O que você é?



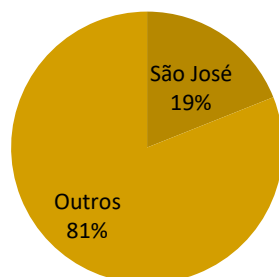
Mulher	67
Homem	48
Não Binária	2

3 - Qual a sua renda média familiar?



Menos de 1 salário	1
Entre 1 e 3 salários	26
Entre 3 e 6 salários	30
Mais de 6 salários	61

4 - Em qual bairro você reside?



Bairro São José	22
Outros bairros	94

5. Sobre sua relação com o seu bairro, você se identifica ou se sente parte dele de alguma maneira? Se possível, justifique sua resposta

Sim/me identifico/ me sinto parte	94
Não/não me identifico/não me sinto parte	22

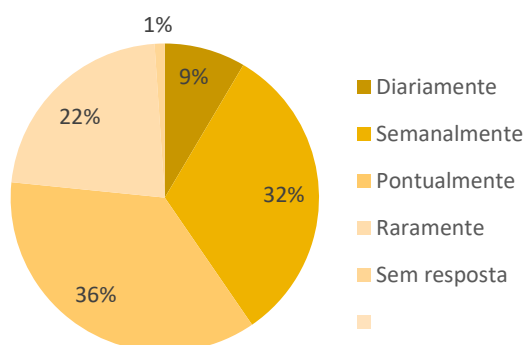
Por uma questão de sistematização, a análise inicial das respostas a essa pergunta foram separadas por respostas afirmativas e respostas negativas e num segundo momento foram analisadas as justificativas de cada participante. A maioria dos participantes associou o fato de morar ou passar muito tempo no bairro como principal fator de manutenção de seus sentidos de pertencimento e identificação com esses espaços. Outros mencionaram a praticidade de ter serviços próximo, ser bem localizado, bem centralizado e a possibilitando fazer coisas a pé como esse fator. Algumas pessoas mencionaram a estética dos bairros onde vivem e outras ainda falaram sobre a boa relação com seus vizinhos e o “*senso de comunidade*” como elo de manutenção dessas relações de pertencimento e identificação. Dos participantes que disseram se identificar com seus bairros, *onze* não justificaram suas respostas. O fato de morar há muitos anos é um ponto mostrado como indicador de identificação, assim como palavras como *nostalgia*, *boa localização* e *idosos* também foram citadas. Como esse relato de uma participante do questionário apresenta:

Sim! Me sinto parte do bairro de uma maneira bem particular. Moro nele há seis anos e, embora não veja muitas pessoas da minha idade por lá, o aspecto calmo e bucólico metraz uma sensação de pertencimento muito interessante, comose o tempo passasse mais devagar por lá.

Quanto aos vinte e dois participantes que disseram não se identificar, as

justificativas foram o pouco uso do espaço público e consequentemente poucas interações com vizinhos. Alguns disseram gostar, mas não a ponto de se identificar. Outros fazem o uso do bairro apenas para dormir, apresentando esse fator a causa da não identificação. Morar há pouco tempo no bairro também foi um fator apresentado pelos participantes e apenas três não justificaram suas respostas.

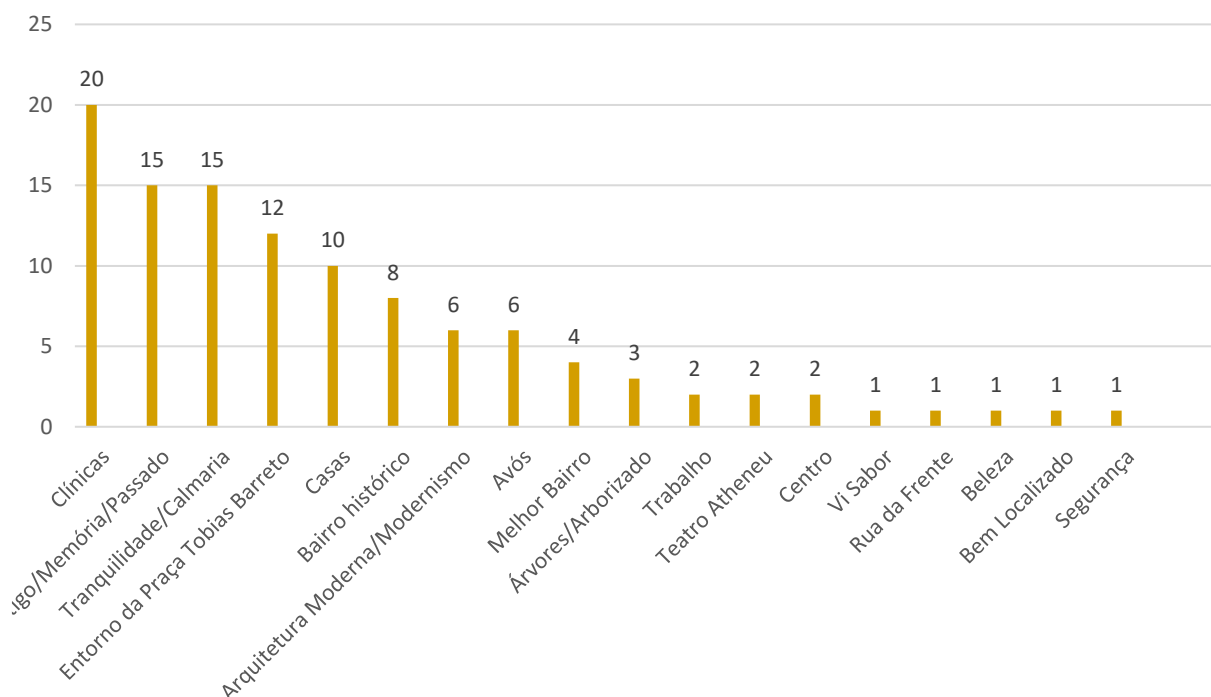
6 - Se não mora no São José, com qual frequência vai ao bairro?



Diariamente	8
Semanalmente	30
Pontualmente	34
Raramente	21
Sem resposta	1

Dos participantes que marcaram idas diárias ao bairro foi interessante observar as respostas da pergunta 7 sobre *“a primeira palavra que vem à mente”*, pois a dinâmica que esses oito participantes apresentaram foi de uma relação longa e de afeto com o bairro, mesmo não sendo moradores. Apenas um desses oito participantes se referiu ao bairro como *“trabalho”*. Já *“Clínicas”*, que foi a resposta predominante da questão 7, não foi o primeiro ponto associativo desses oito participantes em questão. Os participantes apresentaram respostas como *“melhor bairro da cidade”*, *“praça Tobias Barreto”* *“melhores momentos da minha vida”*, *“tranquilidade”*, *“avó”*, *“casa”* e *“calmaria”* para a questão 7. Já dos participantes que responderam *“pontualmente”* e *“raramente”*, 14 responderam a questão 7 como *“clínicas”*, ou *“ir ao médico”* ou algo que remeta ao quesito saúde.

7 - Qual a primeira palavra que vem à sua mente quando pensa sobre o Bairro São José?



Observando as respostas a esse questionamento é possível confirmar algumas hipóteses devido ao perfil notável de algumas partes do bairro como a região das clínicas, que foi a resposta predominante também nas questões 9 e 10. Dos 21 participantes que mencionaram “clínicas” nessa questão, 14 dizem frequentar o bairro *raramente ou pontualmente* (questão 6). Essa associação a um “bairro de clínicas” que a maioria dos participantes da pesquisa expressou (ver mapa..), ajuda à compreensão de formação do processo de esvaziamento residencial do Centro e do São José, que vem tomando forma de um bairro voltado apenas para serviços, mais especificamente serviços médicos.

Como França explica:

Outra tendência é a presença de núcleos especializados em saúde no bairro São José, principalmente no entorno do Hospital São Lucas, ao longo da Rua Guilhermino Resende e Avenidas Acrísio Cruz, e Gonçalo Rollemberg, ocupadas por dezenas de clínicas e hospitais particulares, laboratórios de exames, além de consultórios médicos localizados em prédio especializado, integrado ao Hospital. (FRANÇA, 2019).

Abaixo mapa com mancha da “região das clínicas” que abarca uma porção do bairro Salgado filho.

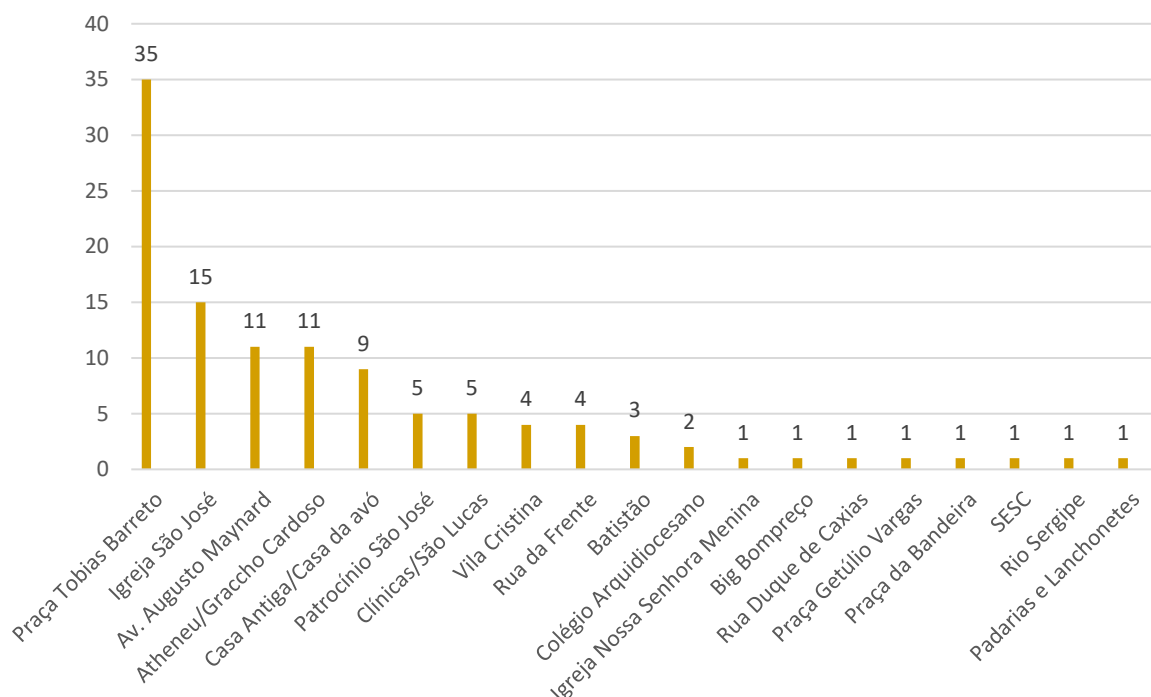


Mapa 3 Mapa destacando a “região das clínicas”. Fonte: Google Maps, 2021 com alterações da autora.

Algumas respostas não foram sistematizadas no gráfico, pois foram muito específicas sem possibilidade de agrupá-las.

1	A cidade vista do alto
2	Final de tarde
3	Paisagem
4	Quero
5	Pontencial
6	Placa de pare

8 -Para você, qual a parte mais marcante desse bairro?



Quando perguntados sobre a parte mais marcante do bairro, os participantes elencaram a Praça Tobias Barreto e os equipamentos do seu entorno como os grandes destaques. Cabe aqui ressaltar a importância dessa praça e da igreja São José, fundada em 31 de dezembro de 1924, que pode ser considerada o principal ponto nodal do bairro. O Ponto Nodal é definido por Kevin Lynch como focos estratégicos nos quais o observador pode entrar ou ainda pequenos pontos na imagem da cidade nos quais o observador se sente dentro de um lugar específico. Ele dá o exemplo de estações rodoviárias e grandes praças como pontos nodais urbanos já que esses espaços podem “atribuir sua importância aos elementos situados nas junções exatamente à sua localização” (LYNCH, 1997, p. 81).

As vezes de fato um ponto nodal forte pode criar uma espécie de bairro numa zona homogênea mais ampla, simplesmente por “radiação”, ou seja, pela sensação de proximidade com o ponto nodal. São, basicamente, áreas de referência com pouco conteúdo perceptivo, mas úteis como conceitos organizadores. (LYNCH, 2011, p. 78)

Adentrando um pouco no importante contexto da Igreja São, além de levar o nome do bairro, é onde há integração comunitária e grande visibilidade na Arquidiocese de Aracaju. Atualmente, a igreja localiza-se estrategicamente ao lado

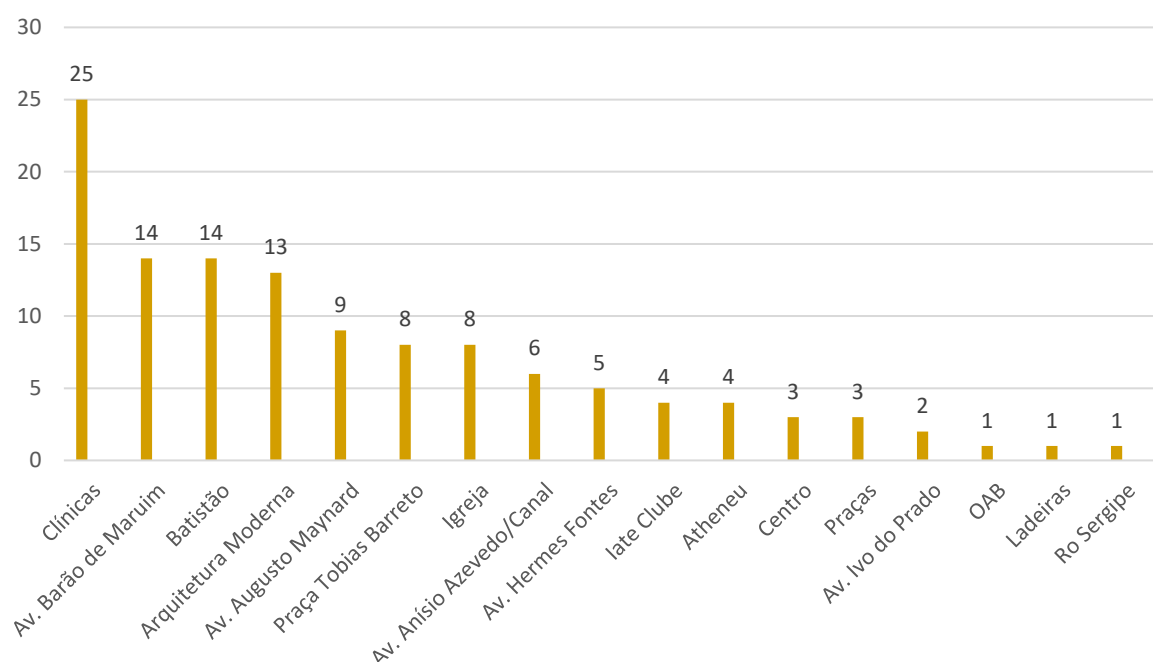
do Hospital São Lucas, com fachada frontal voltada para o Colégio Patrocínio de São José e a praça Tobias Barreto. Cortando todos esses pontos fica o início da Avenida Augusto Maynard ao norte e a Rua de Santa Luzia a oeste. Vale também ressaltar que a praça Tobias Barreto também não tem uma quantidade expressiva de residências em seu entorno, entretanto algumas atividades podem ser importantes para sua relevância nas repostas, como a feirinha dos domingos na praça, as lanchonetes que servem as pessoas que vão fazer exames ou trabalham nas repartições e ainda as pessoas que frequentam a igreja e participam das atividades na região. Para os moradores do bairro é notável a relevância da praça Tobias Barreto e seu entorno, abrangendo a avenida Augusto Maynard, citada em um dos questionários como "a rua das árvores". Três participantes disseram não conhecer.



Figura 10: Trecho da praça Tobias Barreto, av. Augusto Maynard e Igreja São José.

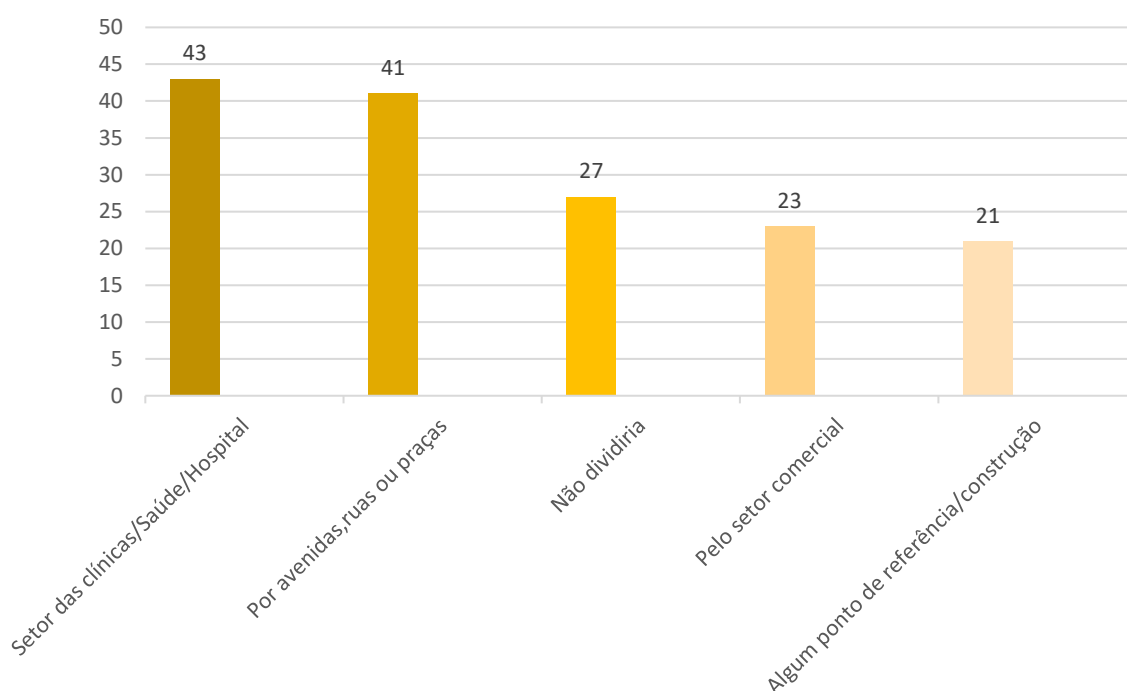
Fonte: Fabio Jaciuk, 2019.

9 - Quando você anda pela cidade, em que momento você entende que está dentro do bairro São José?



A maioria dos participantes associou o setor clínico/saúde ao bairro São José assim uma vez, semelhante a questão 7. Aqui podemos considerar essa resposta predominante como o ponto referência mais associado ao bairro no quesito localização territorial, não como uma de referência pontual com forma definida. Logo após vem a avenida Barão de Maruim, que marca a divisão do bairro São José com o Centro, funcionando naturalmente como uma referência associativa aos dois bairros mencionados. Também foi citado o Batistão, que está no bairro 13 de Julho, porém tem uma de suas faces voltadas para Rua Cedro no bairro São José. Muito da arquitetura característica do modernismo em Aracaju presente no bairro e também no Centro que foi mencionada. A avenida Augusto Maynard foi a quinta resposta mais citada de referência e associação espacial que está completamente inserida no bairro São José. Essa associação por pontos de referência consegue atingir um universo de resposta mais abrangente do que a próxima pergunta, que envolve uma noção espacial e requer, tanto familiarização com o espaço em questão, quanto um exercício de memória espacial relativamente vivo na mente do participante.

10 - Se você pudesse dividir o São José em diferentes partes (setorizar), como você o faria?



Nessa questão, alguns os participantes citaram mais de um tipo de setorização, sendo assim não haverá possibilidade de apresentar essas respostas em porcentagem, pois ultrapassa o universo dos 116 participantes do questionário. A maioria dos participantes mencionou “setor hospitalar/clínicas/saúde” como uma das partes a serem divididas. Em segundo lugar foram apresentadas divisões a partir de alguma praça, rua ou avenida. Ganhou destaque nesse perfil de resposta as ruas do bairro que foram mencionadas em sua maioria, seguido da avenida Augusto Maynard e logo depois a praça Tobias barreto. Por se tratar de um questionamento que solicita um mapeamento mental do bairro, houve uma quantidade de participantes que não souberam responder. Alguns moradores do bairro São José mencionaram que não mudariam a forma que ele está dividido.

11. Para você, quais são os problemas do bairro e o que você sugeriria como possíveis soluções?	
Respostas	Quantidade
Má iluminação/pouca atividade noturna	26
Melhorar a segurança no bairro	23
Melhorar/adequar calçadas e vias	20
Patrimônio abandonado	16
Pouca oferta de transporte público de	16

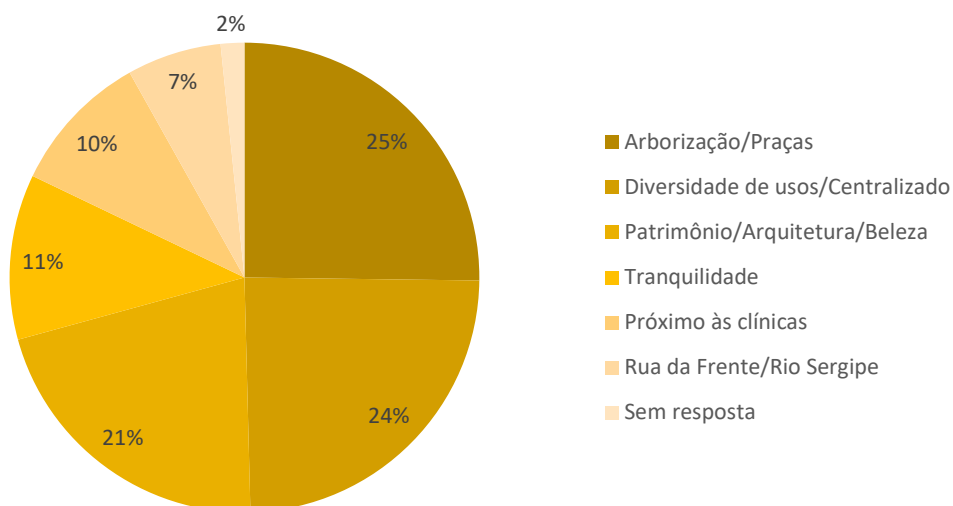
qualidade/Poucos estacionamentos/trânsito ruim	
Pouco incentivo a lazer/evento culturais	10
Sem sugestão/sem resposta	10
Alagamentos e esgoto a céu aberto/Melhorar drenagem e fechar esgotos	7

Nessa questão alguns participantes mencionaram a falta de incentivo ao uso de espaço público como causa da pouca identificação com seus bairros e que as modificações através dos anos nesses locais pode ter afetado as vivências no local. Kevin Lynch analisa esse perfil de observador como sensível e familiarizado, logo poderia absorver novos impactos sensoriais sem a ruptura da sua imagem básica, e a cada novo impacto não romperia a ligação com muitos elementos já existentes (LYNCH, 1960). A perspectiva desse relato de uma participante do questionário, por exemplo, poderia confirmar essa hipótese:

“Vivo há 27 anos no Grageru e a identificação com meu bairro é inevitável. Entretanto, com o tempo, ao invés dessa conexão crescer, sinto que ela fica cada vez menor. Meu bairro, que sempre teve muitas casas, vizinhos que se conheciam e comércio local forte, transformou-se em um bairro de prédios murados, grandes estabelecimentos comerciais e intenso tráfego de carros. O Grageru virou um bairro como outro qualquer: guiado por construtoras e sem autenticidade. Sempre que busco lembranças felizes de vivência no meu bairro, eu volto, pelo menos, 15 anos em minha memória.”

Alguns participantes sugeriram um maior incentivo à atividade noturna e ocupação do bairro como solução tanto para insegurança à noite quanto para maior ocupação e conservação do patrimônio. Também foi citada a falta de estacionamento suficiente para o fluxo de carros, principalmente por conta dos diversos serviços, sendo eles majoritariamente serviços clínicos. Os pontos fortes do bairro citados pelos moradores foram: estar bem centralizado no sentido de oferta de serviços e comércio necessários para o dia a dia e também por ser perto da região das clínicas.

12 -Por fim, quais pontos fortes você enxerga no bairro
São José?



Em outras questões foi possível perceber a associação que alguns participantes fizeram ao São José como um bairro cheio de árvores e interligando essa memória a algo positivo sobre esse espaço. Nessa questão fica claro o apreço dos participantes por essa característica do bairro e também por suas funções utilitárias por estar bem centralizado e ter diversos serviços úteis para o dia-a-dia por perto. Como o relato desse participante que traduz o que a maioria mencionou:

“A arborização; a pouca quantidade de prédios que permite a ventilação do bairro; a facilidade de se encontrar atendimento médico pela região; a quantidade de escolas, galerias, escolas de arte e museus próximos; a proximidade do centro e de outras regiões com comércio pela cidade.”

Outras respostas foram um pouco mais sensíveis e calorosas, mostraram uma relação mais profunda e emocional de alguns participantes pelo São José, se referindo a ele como um “*lugar lindo de se viver*” e como um “bairro tranquilo, perto de tudo, perto do rio e é possível comprar pão quentinho para jantar. Se eu voltar para Aracaju um dia, pretendo morar no São José”.



CAPÍTULO 4

**O BAIRRO: “DIMENSÃO DE TERRITÓRIO IDEAL
PARA REIVINDICAÇÃO COLETIVA”**

4.1 O CONCEITO DA AMABILIDADE URBANA

Esse trabalho buscou mostrar a importância das vivências de bairro para a cidade como um todo e como a identificação entre indivíduos e espaços pode ajudar no processo de transformação desses lugares. Nesse capítulo vão ser apresentados diferentes processos de incentivo à participação da população na construção de melhorias para seus bairros, reforçando a importância do sentido de lugar para evolução das cidades. Adentrando os aspectos legislativos de desenvolvimento urbano e tendo em vista que, em boa parte dos casos, os Planos Diretores das cidades não conseguem abarcar especificidades importantes para cada bairro de acordo com o perfil dos moradores e do lugar. Algumas das propostas que vão ser apresentadas foram baseadas em uma investigação sensorial e sentimental, para além de apenas estratégias urbanísticas como solução.

Adriana Sansão (2013) explica em sua tese a importância das intervenções temporárias na cidade e como esses eventos tem o poder de fortalecer as identidades e conexões urbanas. O conceito de Amabilidade Urbana (2013) é uma qualidade física e social ao mesmo tempo. Por meio da ativação de determinado espaço através de uma intervenção temporária, esse lugar acaba se tornando apto a promover conexões entre as pessoas. Nesse caso a forma urbana funcionaria como suporte para que os elementos móveis, ou seja, pessoas e eventos, possam se conectar.

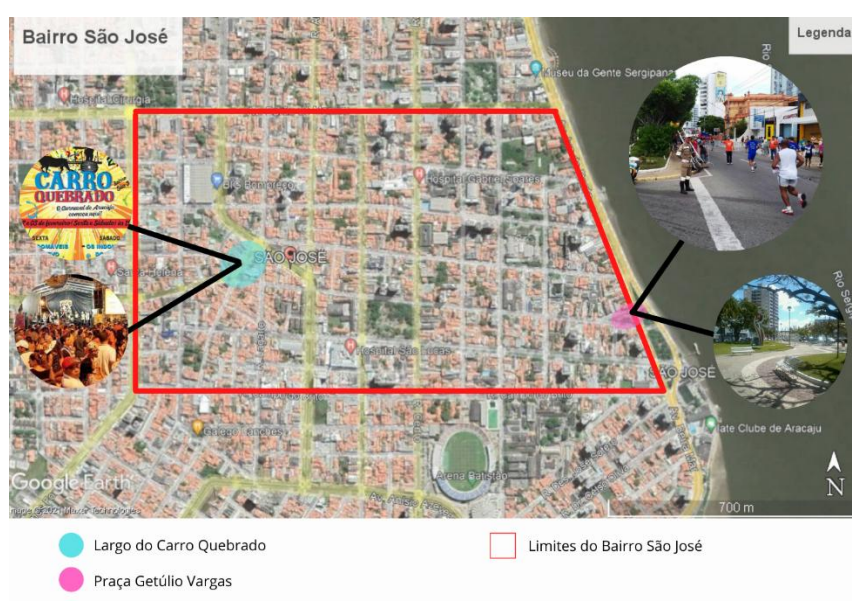
A amabilidade urbana relaciona-se tanto à criação de vínculos entre a pessoa e o espaço (intervenção temporária como intensificadora dos atributos físicos e pontencial “reformatadora” do lugar) quanto às conexões entre as pessoas -conexões que podem decorrer de encontros, intercâmbios, cumplicidades e energias que reagem ao individualismo e à hostilidade que caracterizam as formas de convívio coletivo contemporâneas. (SANSÃO, 2013, p.30)

Como a problemática apresentada nesse trabalho se baseou majoritariamente nas relações sociais contemporâneas, que são norteadas pela rapidez de conexões e como isso tem refletido na forma que os indivíduos desenvolvem essas conexões com os espaços públicos urbanos, o ponto de partida para pensar em propostas vão ser políticas públicas voltadas para o fortalecimento dos vínculos entre as pessoas e os lugares. O levantamento feito para elaboração dessas propostas procurou mapear os pontos relevantes do

bairro, guiado pelas respostas do participantes do questionário, que podem ser palco para que conexões entre pessoas aconteçam, fortalecendo assim as relações de identificação e pertencimento com o bairro.

Através da Amabilidade Urbana (2013) podemos entender a relevância da manutenção dos eventos que costumam acontecer no bairro São José, com exceção dos anos de 2020 e boa parte de 2021 por conta da pandemia, e como eles são geradores importantes de uma conexão entre indivíduo e lugar, fortalecendo identidades locais e possíveis sentimentos de pertença. Logo, com a gradual volta dos eventos acontecendo no bairro, é interessante existir uma intervenção legislativa para incentivo e conservação desses encontros sociais.

A coleta de dados do capítulo anterior aconteceu com uma pequena amostragem de participantes, porém conseguiu apresentar uma noção do imagético dos indivíduos, a partir da tentativa de resgate da memória e conexão dos participantes com esses espaços. Inclusive, pelo fato de ter sido uma amostragem pequena de participantes, algumas áreas historicamente relevantes do bairro São José não foram apresentadas, como a região do Carro Quebrado, seus eventos e sua importância histórica para o início da construção do São José, bem como a Praça Getúlio Vargas que abriga diversos serviços e eventos sociais, principalmente esportivos, fomentando uma movimentação interessante no bairro. Dessa forma, as propostas que serão apresentadas vão um pouco além de apenas os espaços apresentados pelos participantes da pesquisa.



Mapa 4: Mapa com destaques . Fonte: Google Maps, 2021 com alterações da Autora

Pensando sobre as intervenções temporárias como forma de fortalecimento de conexões e identidades na cidade, uma reflexão relevante que os dados promoveram foi sobre a feirinha na praça Tobias Barreto, que ainda costuma acontecer todo domingo e que pode ser um importante fator associativo para os participantes da pesquisa quando questionados sobre a parte mais marcante do bairro (ver gráfico 8). Não se pode deixar de associar essa memória a quantidade de serviços diversos que estão presentes no entorno da Tobias Barreto e que também colaboram para essa associação.



Mapa 5: Entorno da Praça Tobias Barreto e imagens da feirinha dominical. Fonte: Google Maps, 2021 com alterações da Autora

Os próximos subcapítulos vão apresentar mecanismos voltados para o desenvolvimento de bairro e políticas públicas para a manutenção de eventos culturais como forma de fortalecer as vivências nos espaços públicos e, conseqüentemente, ampliar o cuidado e fiscalização do patrimônio material e imaterial do bairro por parte dos órgãos públicos.

4.2 PLANOS DE DESENVOLVIMENTO DE BAIRROS

O Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, Lei 16.050 de 31 de julho de 2014, estabeleceu no Capítulo V, Seção III a aplicação dos Planos de Desenvolvimento de Bairros integrados ao Sistema de Planejamento do Município, subordinando-se às diretrizes definidas no Plano Diretor, Lei de Uso e Ocupação do Solo e nos Planos Regionais das Subprefeituras. Dentro dessa seção ele destrincha todas as diretrizes referentes às aplicações do Plano de Bairro e como deve ser organizado. Como explica o seguinte artigo:

Art. 348. A Prefeitura deverá fomentar a elaboração de Planos de Bairro na cidade, a fim de fortalecer o planejamento e controle social local e promover melhorias urbanísticas, ambientais, paisagísticas e habitacionais na escala local por meio de ações, investimentos e intervenções previamente programadas.

A partir da lei, algumas organizações conseguiram apresentar de forma mais prática e acessível as intenções, benefícios e ganhos da implantação dos Planos de Bairro nas cidades. A FEcomercio São Paulo desenvolveu uma cartilha explicando toda a aplicação das diretrizes, onde conceitua o que seria o bairro e o que seria um plano de desenvolvimento de bairro e também elabora a metodologia das aplicações. Outra iniciativa que desenvolveu uma cartilha explicativa foi a Fundação Tide Setubal, que dá o passo a passo da construção de um plano de bairro, desde a explicação de como fazer um mapeamento inicial do bairro, criação de um grupo gestor, diagnóstico do bairro, elaboração de propostas, construção do documento e aprovação do poder público.

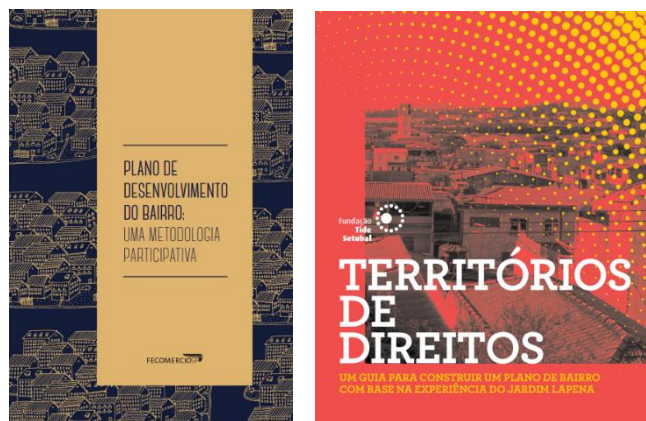


Figura 11: Capa do Plano de Desenvolvimento de bairro.
Fonte: Fecomercio São Paulo, 2013.

Figura 12: Capa do Guia para construção de um plano de bairro. Fonte: Fundação Tide Setubal, 2019

Os Planos de Bairro mostram uma alternativa efetiva de gestão pública, interligando diversos membros cooperativos como associações de bairro, empresas e setor público com um ideal maior para uma comunidade em prol da cidade. Essas cartilhas tornam acessível um conhecimento técnico e burocrático, visando o máximo de integração possível entre moradores do bairro e corpo técnico.

Como já dito anteriormente o Plano Diretor de Arcaju está em revisão. O novo documento apresentado não estrutura a cidade por meio de Planos Regionais de Subprefeituras, porém o fato não impossibilita a elaboração de um plano de bairro em determinada região, logo seria importante a apresentação dessa alternativa no plano em revisão. O Plano de Bairro “deve ser elaborado numa ação conjunta entre subprefeitura, conselheiros participativos municipais e comunidade para fortalecer o planejamento/controle social local e promover melhorias urbanísticas, ambientais, paisagísticas e habitacionais por meio de ações, investimentos e intervenções previamente programadas.”(Fecomercio, 2013). Além disso, deve ser elaborado a partir das seguintes diretrizes:

- I. *identificação de diferentes demandas urbanas, sociais e ambientais a partir de: a) pesquisas de campo realizadas com moradores dos bairros, b) análises de dados secundários produzidos por diferentes órgãos de pesquisa, c) análises de estudos existentes;*
- II. *utilização de metodologias participativas nas diferentes etapas de elaboração;*

III. utilização de abordagens interdisciplinares.

Um ponto de destaque no processo de aplicação do plano de bairro é que ele deve ter seu território definido a partir de **identidades comuns** em relação a aspectos socioeconômicos e culturais reconhecidos por seus moradores e usuários, ou seja, **não são necessariamente os limites administrativos do bairro que definem a região de sua aplicação**. A definição dos limites de bairro foi apresentada por Lynch (1960) através de pontos distintos, onde os limites podem ser sólidos e bem definidos, reforçando sua identidade local, mesmo não tendo muita ligação com sua constituição ou limites administrativos, esses limites podem também ser mais flexíveis e incertos (Lynch, 1960, p. 77). Podemos exemplificar aqui a “região das clínicas” já citada anteriormente (ver mapa.. como uma dessas regiões que ultrapassam os limites administrativos do São José, abarcando uma parte do bairro Salgado Filho, sendo a Rua Campo do Britto o “limite incerto e flexível”. Como exposto no capítulo anterior, a Barão de Maruim e a Avenida Hermes Fontes também têm essa característica do “limite incerto”, também por se localizar no ponto de transição de um bairro para o outro, sendo facilmente confundido com os bairros do entorno imediato.

Sendo assim, a aplicação do Plano de Desenvolvimento de Bairro, através do Plano de Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju, seria um instrumento essencial para a melhoria dos bairros da cidade e agiria como um mecanismo de fortalecimento das identidades urbanas, por meio do incentivo à participação popular nas decisões para melhoria de seus respectivos bairros.

4.3 ÁREAS ESPECIAIS DE INTERESSE CULTURAL NO SÃO JOSÉ

Ultimamente é possível observar uma movimentação notável no que diz respeito ao incentivo à cultura que o grupo Fecomercio Sergipe está promovendo em Aracaju. Recentemente, por exemplo, foi inaugurada a Galeria de Arte Cícero Alves dos Santos, localizado na Rua Senador Rollemberg, em frente a antiga Atlética. Em 2019, a construção abrigava o **Mesa Brasil**, restaurante com preços acessíveis do grupo Sesc. Próximo a essa galeria, no ano de 2017, o antigo espaço da Sociedade Semear foi completamente reformado para receber a Mostra Aracaju Edição Ouro e depois do evento o lugar se manteve como uma galeria de nome

Vila Manuel, onde existem alguns restaurantes e uma galeria de arte. A Rua Vila Cristina, além de abrigar alguns resquícios da história do modernismo em Aracaju, através das construções com pouca manutenção, também hospeda o teatro Atheneu e a escola de artes Valdice Teles, todos patrimônios tombados e que continuam funcionando normalmente.



Figura 13: Antigo restaurante Mesa Brasil, do grupo Sesc em 2019.

Fonte: Google Earth, 2021



Figura 14 : Galeria de Arte Cícero Alves dos Santos. Fonte: Sesc Sergipe, 2021

Todos esses equipamentos urbanos tem grande potencial para geração de uma movimentação cultural importante para a cidade de Aracaju e transformação do bairro São José num bairro com vivências e ocupações culturais mais fortes, com capacidade inclusive de se tornarem pontos turísticos para a cidade. Como exposto na primeira parte desse capítulo, os eventos que ocorrem no bairro, principalmente a feirinha da praça Tobias Barreto aos domingos, tem um poder interessante de fortalecimento dos laços, até mesmo pela tradição que carregam.

5. *Incentivar a valorização, a preservação, a recuperação e a conservação dos imóveis e dos elementos característicos da paisagem e do patrimônio histórico, cultural, artístico, turístico e paisagístico;*
6. *Garantir que o patrimônio arquitetônico tenha usos compatíveis com as edificações e o paisagismo do entorno.*

A legislação específica para essa área permite altura máxima de 2 pavimentos para edificação e também autoriza a transferência do direito de construir. Um bom complemento a essas diretrizes seria a contemplação de todo o bairro São José dentro da AIU 3 (ver figura..), a atualização da lista de bens de patrimônio de Aracaju, anexo ao plano diretor, abrangendo mais imóveis com valor arquitetônico que existem no bairro e realizando negociações dos valores do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU), incentivando novas ocupações e formas de uso desses imóveis.



Figura 15 : Mapa com a abrangência das Áreas de Interesse Urbanístico 3. Fonte: PDDU, 2021

Uma outra proposta que esse trabalho apresenta é a criação das Áreas Especiais de Interesse Cultural (AIC's) para a atual revisão do PDDU de Aracaju, um instrumento que auxiliaria muito bem a preservação do patrimônio cultural material e imaterial, não apenas do São José, mas também de outros bairros, como por exemplo, o Centro e Santo Antônio. Por definição, as Áreas Especiais de Interesse Culturais são:

[...] porções de território que por suas características paisagísticas e culturais devem ter tratamento diferenciado em relação aos padrões gerais adotados para a cidade, em relação ao uso e ocupação do solo. Correspondem aos espaços abertos e conjuntos construídos, podendo ou não envolver bens tombados, inventariados ou relevantes, nos quais os projetos novos devem adequar-se de forma a preservar a ambiência, a visibilidade e os valores culturais.(COELHO, 2007, p.20)

Esse modelo de instrumento foi implementado na cidade de Porto Alegre que conta com uma lista de 134 áreas especiais de interesse cultural, abrangendo desde imóveis até porções urbanas maiores como um quarteirão inteiro de um bairro. No inventário também aparecem informações urbanísticas como a Densidade, Tipo de Atividade, Índice de Aproveitamento e Volumetria.



Figura 16 : Mapa com uma Área Especial de Interesse Cultural de Porto Alegre. Fonte: Anexo 3 PDDUA 2010

Segundo o PDDUA de Porto Alegre, os critérios estabelecidos para a seleção das áreas especiais devem abranger quatro instâncias (COELHO, 2007):

Instância Cultural – considera o significado adquirido por uma determinada Área ou Lugar no contexto urbano. Consagra a relação com a herança de um passado do qual o espaço urbano constitui testemunho material ou com a transmissão de valores simbólicos no âmbito do imaginário social.

Instância Morfológica – considera aspectos peculiares da configuração física em termos de qualificação arquitetônica e urbanística. Reconhece os elementos constitutivos da estrutura urbana, bem como suas interrelações e evolução no tempo: sítio geográfico, elementos naturais, vias, edificações monumentais e unidades como um todo, ou ainda como um produto da influência de modelo consagrado no âmbito da historiografia arquitetônica e urbanística. Guarda testemunhos de determinadas épocas por sua morfologia urbana ou estética arquitetônica características.

Instância Paisagística – considera a incidência de visuais significativos e o grau de qualidade ambiental. Topografia, traçado, vegetação e edificações são as referências para a seleção de cenários e panoramas de interesse na cidade. Consagra elementos naturais ou construídos que venham a constituir-se num referencial na paisagem.

Instância Funcional – consagra o potencial de animação de uma determinada zona urbana, uma vez que a dinâmica das atividades é um componente importante na caracterização da identidade local. Considera o potencial de reabilitação da Área e sua compatibilização com a estrutura urbana existente ou planejada. Abrange também a questão futura ou prospectiva, ou seja, a capacidade de convivência da área com o entorno induzido pelo Plano Diretor.

A abrangência desse instrumento pelo Plano de Desenvolvimento Urbano de Aracaju seria iniciado com a preparação de um conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural, a fim de gerir as questões que envolvem preservação dos bens patrimoniais de Aracaju. O levantamento dos bens e a elaboração de um Inventário dos patrimônios culturais específicos para tombamento seria sua função inicial, que contaria com relatórios sobre o processo de destruição do patrimônio edificado da cidade e, por fim, desenvolver formas de aplicações de metodologias com diretrizes específicas para inserção cuidadosa desses bens na sociedade, sejam para uso particular ou público.

Depois de elencada as regiões da cidade para compor a lista de Áreas Especiais de Interesse Cultural, devem ser elaboradas diretrizes específicas para a preservação desses locais. Como o objeto de estudo do trabalho é o bairro São José, algumas diretrizes foram pensadas especificamente para as áreas que serão apresentadas aqui. As áreas de abrangência são sugestões de locais que se encaixam nas instâncias mencionadas e que são as principais centralidades do bairro, além de serem pontos estratégicos que unem diversos equipamentos urbanísticos, conferindo um potencial local para conexão de pessoas, fortalecendo a identificação e vínculos espaciais. Essas áreas seriam:

- I. A região do **Largo do Carro Quebrado**, contemplando o trecho da Rua Nossa Senhora das Dores.
- II. A **Rua Vila Cristina**, desde a Rua Campo do Brito até a Avenida Barão de Maruim, contemplando os quarteirões laterais.
- III. A **Avenida Augusto Maynard**, desde a Ivo do Prado até a Avenida Gonçalo Rollemberg.
- IV. A **Avenida Ivo do Prado**, contemplando a Praça Getúlio Vargas, o Cotinguiba Clube e a Praça do Mini Golf.
- V. A região da **Praça Tobias Barreto** e os três quarteirões do entorno no sentido norte e leste.

Abaixo mapa com mancha e indicações das regiões mencionadas.



Mapa 7: Mapa com as Áreas Especiais de Interesse Cultural.
Fonte: Autora, 2021

As diretrizes para essas áreas seriam:

- I. Incentivos fiscais para estímulo à ocupação do bairro, tanto para moradia quanto para pequenos negócios.
- II. Penalidade a quem desfigurar ou descaracterizar bens dessas áreas, sejam eles construções tombadas e bens ambientais ou culturais.
- III. Implementação de mecanismos que envolvem o Patrimônio Cultural como objeto de projetos especiais da prefeitura, principalmente referentes a ocupação de imóveis subutilizados.
- IV. Manutenção e incentivo a feiras e eventos nestes locais com regulamentação dos veículos de publicidade.
- V. Incentivo ao turismo na região fomentando a implantação de serviços para atendimento destinados a esse tipo de demanda com subsídios fiscais para negócios com este fim.

A consagração de algumas dessas permanências como patrimônio cultural indica a sua importância enquanto imaginário urbano, atuando como referência não só para o fortalecimento da qualidade ambiental e identidade coletiva, mas principalmente como fundamento de novos planos e projetos para a construção da cidade do presente e do futuro. (COELHO, 2007, p. 25)

As propostas apresentadas buscam fomentar a participação dos moradores locais no processo de melhorias para o bairro e fortalecer os pontos de centralidade urbana do bairro, desenvolvendo conexões entre os indivíduos e aumentando assim a sociabilidade nesses espaços públicos. Os meios de incentivo à ocupação do São José buscam fortalecer identidades, pois através do estímulo destas nos espaços urbanos, é possível estreitar os laços e desenvolver um senso de pertencimento e cuidado com esse espaços. As soluções aqui apresentadas buscam primordialmente fortalecer os afetos existentes e expandi-los, apresentando aos cidadãos aracajuanos um lugar com qualidade de vida para moradia, grande potencial que pode ser destinado ao turismo e construções subutilizada com grande capacidade para ocupações de diferentes tipo de serviços e comércio, diversificando as atividades pelo bairro São José.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Foi essencial entender como as identidades contemporâneas se convertem na cidade e como as formas de estímulo social que permeiam as relações na atualidade são cada vez mais velozes, sendo essa a realidade a qual os gestores públicos precisam se adaptar, apresentando propostas cada vez compatíveis com essas demandas intensas e urgentes. Entretanto, é bom sempre lembrar que nós, enquanto sociedade, devemos manter a história viva como forma de não repetir os erros do passado, sendo assim a manutenção do patrimônio também é um registro do progresso e evolução, essenciais para o desenvolvimento da cidade.

O presente trabalho apresentou reflexões sobre o crescente esvaziamento residencial do bairro São José, um bairro dotado de infraestrutura que oferece qualidade de vida aos que nele habitam e abriga um patrimônio que conta a história da evolução da cidade de Aracaju através de suas construções. Existem, sim, problemas notáveis com relação a melhorias estruturais, como por exemplo, a adequação das calçadas e o fechamento de esgotos do bairro, bem como outros apresentados pelos participantes da pesquisa. Existe também a questão da insegurança nos espaços públicos do bairro, que fortalece um movimento generalizado pelas cidades de não ocupação desses lugares, principalmente no turno da noite. Porém, de forma geral o trabalho aborda uma perspectiva otimista sobre a potencialidade das relações humanas para melhoria dos espaços urbanos e como a participação popular, através de instrumentos específicos voltados para as dinâmicas de bairro, podem ser o caminho para solucionar diversos dos problemas apresentados.

Entender a visão dos moradores de Aracaju sobre o bairro São José foi uma forma de direcionar e reafirmar algumas questões suscitadas pelas observações naturalmente colhidas enquanto moradora do bairro por 10 anos. A aplicação da metodologia, já utilizada em outros contextos urbanos, foi essencial para nortear e sistematizar essa investigação, com o objetivo de elencar alguns formatos de relações socioespaciais dos participantes com o São José e entender se o imaginário desses indivíduos conservava ou não algum tipo de vínculo identitário, apresentado por alguma conexão emocional em determinado recorte do tempo e espaço.

A apresentação de políticas públicas para estreitamento das relações

indivíduo-lugares é um meio específico para fazer mudanças acontecerem, que pode inclusive ser burocrático e expor diversos entraves. Porém, ao apresentar soluções por meio de instrumentos de gestão pública está sendo introduzida uma ideia de gestão com participação ativa do cidadão, uma vez que esses instrumentos são acessíveis e passíveis de compreensão por todos, desde corpo técnico até leigos.

A ocupação de um bairro em crescente esvaziamento e o estudo de mecanismos para o fortalecimento das relações de identidade e pertencimento dentro desse contexto foi o desafio encontrado neste trabalho. O trabalho também colabora com a discussão de mecanismos que podem ser aplicados que qualquer bairro, com o devido diagnóstico e levantamento de perfil dos moradores e dos espaços urbanos, colaborando para o aperfeiçoamento de técnicas destinadas a aplicação de instrumentos da cidade nos bairros.

Sendo assim, esta pesquisa agrega à discussão de políticas públicas para melhoria do bairro São José, sem esquecer da importância da manutenção das histórias e laços desenvolvidos nesse local, utilizando-se destes aspectos como catalisadores para diminuição da insegurança e ocupação dos espaços públicos, fortalecendo as conexões entre as pessoas nos espaços urbanos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Pedro. A cidade COM-FUSA: a mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. Revista Brasileira de estudos urbanos e regionais, v. 9, n. 2, p. 25-25, 2007.

ARACAJU. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju. 2000. Disponível em: <
https://www.aracaju.se.gov.br/planejamento_e_orcamento/plano_diretor >

ARAÚJO, Rozana Rivas de. As relações entre as transformações econômicas e o ritmo da produção do espaço urbano. Estudo de caso: Aracaju. Tese de Doutorado. 2011.

BARROS, Sandra Augusta Leão. A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de apipucos e poço da panela no Recife. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 15, p. 56-74, 2004.

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. Reinvente seu bairro: caminhos para você participando planejamento de sua cidade. Editora 34, 2003.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. ed. Petrópolis : Vozes, V.1. artes de fazer. 1996.

COELHO, Letícia Castilhos. Áreas Especiais de Interesse Cultural: instrumento do Plano Diretor para a preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre. Artigo. Grupode Pesquisa Identidade e Território, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

DINIZ, Dora Neuza Leal. Aracaju: a construção da imagem da cidade. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MINHA ARACAJU MODERNA, Pedro Costa. Youtube. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=ksyjhc2f0ew>> Acesso em: 20 de jan, 2021. 26:38

DO RIO CALDEIRA, Teresa Pires. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Editora 34, 2000.

CECLA, Franco la. Mente locale: per un'antropologia dell'abitare. Milão:

Eléuthera, 1993.

IBGE BIBLIOTECA. Catálogo: Igreja São José. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=441040&view=detalhes>>. Acesso em: 29 de jan de 2021

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. 3ª edição. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2011.

FECOMERCIO São Paulo. Plano de Desenvolvimento de Bairro: Uma Metodologia Participativa. São Paulo, 2013. 48 páginas

FRANÇA, Sarah Lucia Alves. Vetores de Expansão Urbana: Estado e mercado na produção da habitação em Aracaju-SE. Editora UFS. São Cristóvão, 2019.

FRANÇA, Vera Lucia Alves. Diagnóstico da Cidade de Aracaju. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 2014.

FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias, marcas permanentes. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea, 2013.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

MEU BAIRRO SÃO JOSÉ, SETV. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vXy-fGI2UVs&feature=emb_title> Acesso em: 31 de jan. 2021. 6:30

POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200- 212: 1992

PORTO ALEGRE. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental. 2010. Disponível em: <https://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=2&p_secao=205>

QUEIROZ, Napoleão (organizador). Políticas Públicas para gestão de cidades. São Cristóvão. Editora UFS, 2020

RIBEIRO, Neuza Maria de Góis. Transformações do Espaço Urbano: o Caso de Aracaju. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1989.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, v. 5, 1997.

SÃO PAULO. Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo. 2014. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-sao-paulo-sp>>

SILVA, César Henrique Matos. Espaço público político e urbanidade: o caso do centro da cidade de Aracaju. 2009. 314f. PPGAU/UFBA, 2009.

SILVA, Michelle Nascimento. IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E SOCIABILIDADE NO ESPAÇO URBANO: OBSERVAÇÕES SOBRE A PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DO BAIRRO CIDADE BAIXA EM PORTO ALEGRE in *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 14, n. 34, p. 194-210, ago./dez. 2013.

SOUSA, Antonio Candido de Mello e. Os tipos de povoamento. In: *Os parceiros do rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

Territórios de Direitos : um guia para construir um Plano de Bairro com base na experiência do Jardim Lapena / Fundação Tide Setubal [coordenação editorial : Fábio Tsunoda, Fernanda Nobre e Katia Ramalho Gomes. Textos : Andreilissa Ruiz, Katia Ramalho Gomes, Cecília França e Fábio Tsunoda]. – São Paulo : Fundação Tide Setubal, 2019.

TUAN, Y. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

SIMMEL, Georg. 1967 [1903]. “A metrópole e a vida mental”. In VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*.

HALL, Stuart. Identidade culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro. DP&A. Ed. 1997

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. O espaço da diferença. Campinas: Papirus, p. 176-185, 20

